

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MARIA VITÓRIA LEAL BEZERRA BARROS

**A IDENTIDADE FUNDAMENTALISTA ISLÂMICA: UMA CONSTRUÇÃO
DO OCIDENTE NA CONTEMPORANEIDADE**

Recife

2016

MARIA VITÓRIA LEAL BEZERRA BARROS

**A IDENTIDADE FUNDAMENTALISTA ISLÂMICA: UMA CONSTRUÇÃO
DO OCIDENTE NA CONTEMPORANEIDADE**

Monografia submetida ao curso de Relações Internacionais na Faculdade Damas da Instrução Cristã, como requisito obrigatório para a obtenção do grau Bacharelado. Orientador: Prof. Dr. Pedro Cavalcanti Soares.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. Artemis Holmes

Prof. Dr. Pedro Cavalcanti Soares

Prof. Msc. Osvaldo Bruno

Recife

2016

Barros, Maria Vitória Leal Bezerra

A identidade fundamentalista islâmica: uma construção do ocidente na contemporaneidade. / Maria Vitória Leal Bezerra Barros. – Recife: O Autor, 2016.

60 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Pedro Cavalcanti Soares.

Monografia (graduação) – Faculdade Damas da Instrução Cristã.

Trabalho de conclusão de curso, 2016.

Inclui bibliografia.

1. Relações Internacionais. 2. Fundamentalismo islâmico. 3. Terrorismo. 4. Identidade fundamentalista. 5. Islamofobia. I. Título.

**327
327**

**CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)**

**Faculdade Damas
TCC 2017-522**

*“Se pretendemos rejeitar alguma coisa,
é sempre bom saber o que estamos rejeitando.”*

Tariq Ali

“Estudar Relações Internacionais é desmascarar a beleza do mundo...”

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer Àquele que tornou isso possível, que me ajudou até aqui, que me inspira e me ajudou a escrever, Cristo.

Agradeço à minha mãe, a quem dedico esse trabalho, você também contribuiu para essa graduação acontecer, obrigada pelo seu amor e esforço apesar de toda distância.

Agradeço ao meu orientador Pedro, obrigada pela paciência, tempo, livros e contribuições.

Agradeço à Artemis, obrigada pelo seu tempo, por acreditar em mim, seu encorajamento me ajudou a continuar esse trabalho.

Agradeço ao Professor Bruno por ter aceitado estar na banca examinadora.

Agradeço à minha vó Valquíria pelo seu apoio.

Minha profunda gratidão à Fracinet, Marília e Paulo, por cada palavra e ajuda, vocês são a prova viva do amor de Deus por mim.

Obrigada ao meu amigo Ahmed, pelo encorajamento e ajuda.

Obrigada à minha querida turma, pelos bons momentos e pelas dificuldades compartilhadas.

Obrigada a todos que me ajudaram de alguma forma e colaboraram para que esse trabalho se concretizasse.

RESUMO

A identidade fundamentalista islâmica foi vista como uma reação à cultura imposta pelo Ocidente, foi avivada no fim do século XX e se encontra fortemente presente nos atuais conflitos sociais e armados relacionados ao mundo muçulmano. Esse trabalho buscará estudar como é construída a identidade fundamentalista islâmica e a imagem negativa do mundo muçulmano associado ao terrorismo nos dias atuais causando visões generalistas e preconceito diante da construção dessa identidade pelo Ocidente. Esse trabalho busca contribuir para reflexão de como o fundamentalismo islâmico interfere nas relações internacionais e seu impacto sobre a identidade muçulmana hoje.

Palavras-chave: Relações Internacionais; fundamentalismo islâmico; identidade; Ocidente.

ABSTRACT

The Islamic fundamentalist identity was seen as a reaction to the culture imposed by the West, it was revived in the late 20th century and is strongly present in current social armed conflicts related to the Muslim world. This paper is going to study how the Islamic fundamentalist identity is constructed and the negative image of the muslim world related to the terrorism nowadays causing generalized views and prejudice due to the construction of this identity by the West. This paper seeks to contribute to reflection of how islamic fundamentalism interferes on the international relations and their impact on the muslim identity today.

Keywords: International Relations; Islamic fundamentalism; identity; West.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1. Identidade e o surgimento do fundamentalismo.....	12
1.1 Ascensão fundamentalista islâmica no Egito e no Irã.....	21
2. A construção da identidade fundamentalista islâmica pelo Ocidente na contemporaneidade.....	28
2.2 A mídia como reprodutora da imagem negativa do Islã.....	33
3. Contra-reações ao fundamentalismo islâmico.....	43
3.1 Efeito 1 - Crescimento da islamofobia nos partidos políticos europeus de extrema direita.....	44
3.2 Efeito 2 - Terrorismo exacerbado ao redor do mundo.....	49
3.3 Efeito 3 - O terrorismo como mecanismo de controle dos Estados Unidos.....	50
3.4 Efeito 4 - Políticas anti-islâmicas em países de minoria muçulmana.....	51
Considerações finais.....	54
Referências.....	57

INTRODUÇÃO

Os conflitos no sistema internacional até o Tratado de Westfália (1648), se davam entre reis, imperadores e monarcas. Após o Tratado, Estados passam a se reconhecer como soberanos e os conflitos começam a ocorrer entre diferentes povos até o fim da Primeira Guerra (1914-1918). Da Revolução Russa (1917) até a Guerra Fria (1945-1991), os conflitos acontecem em torno de ideologias. Com o fim da Guerra Fria, as relações entre os atores começaram a mudar; sobretudo por conta da aproximação entre as nações, construindo a interação entre Ocidente e Oriente. Na medida em que as nações se relacionam, passam a ter conhecimento umas das outras, as diferenças são percebidas.

Na modernidade especificamente, as mudanças nas estruturas políticas dos Estados, as disparidades econômicas, bem como o intercâmbio de culturas distintas, acentuaram as diferenças entre esses Estados enquanto o mundo estava se reestruturando em um novo modelo econômico-político-social. Apesar de alguns países estarem devastados por conta da guerra, outros tinham lucrado com ela, e novos conceitos de relações estatais se formaram. As nações se particularizaram através de suas histórias, línguas, culturas, tradições e religião. Embora diferenças não signifiquem obrigatoriamente conflitos e conflitos não se traduzam necessariamente em violência, suas singularidades têm causado desavenças que parecem não ter fim e ficam cada vez mais violentas.

Várias transformações que vão além das fronteiras aconteceram nesse século XX. Imigrações em massa, crises econômicas e políticas, novos movimentos sociais. Estes aspectos, ocorridos em um mundo globalizado, alteraram a forma como os Estados viriam atuar. A nova fase dos conflitos no Cenário Internacional envolve Estados, atores não-estatais e indivíduos que não se baseiam em relações políticas ou apenas de poder. A modernidade tornou possível o surgimento de atores que não fazem parte do Estado: empresas transnacionais, Organizações Não-Governamentais; houve a difusão do sistema midiático, e o avivamento de atores não-estatais violentos inspirados em movimentos fundamentalistas religiosos. Numa sociedade que acolhe a lógica secular, não se imaginava que questões religiosas estariam no cerne dos conflitos atuais.

O fenômeno de fazer guerra em nome de um deus, traz destaques a grupos que se autodenominam contrários às ideias ocidentais. Grupos que exercem atos extremistas baseados num fundamentalismo religioso. O surgimento desses movimentos chamou a atenção da Comunidade Internacional devido às suas ações independentes e de violência extrema justificadas pela religião levando a morte de milhares de pessoas, permitindo

então, um paradoxo na modernidade.

As relações passam a se edificar num contexto no qual grupos religiosos extremistas vão além das fronteiras instigando atores internacionais a se posicionarem diante de suas ações. Hoje a ênfase se dá sobre os grupos fundamentalistas islâmicos devido a sua direta relação com o terrorismo e constante atuação em várias partes do mundo. Grupos que atuam no Oriente Médio, no norte da África, Ásia e expandem suas atividades aos países ocidentais despertam a curiosidade e o medo nessas populações. Dessa maneira, deixam explícita a rejeição aos valores ocidentais em seus territórios, procurando estabelecer de fato um estado islâmico, tornando-se preocupação para a segurança internacional.

Contudo, precisamos entender suas raízes e as razões pela qual atua dessa forma. O Ocidente passou muito tempo impondo sua cultura e seus modelos políticos e econômicos em sociedades que estavam começando a se desenvolver e não esperavam mudar suas estruturas sociais para comportar um novo modelo que dificilmente se adaptaria às suas vidas. Não se pode falar sobre mudança nas sociedades muçulmanas separando-as do Ocidente.

Também pela colonização, a presença dos ocidentais nos países islâmicos ajudou a criar uma identidade do mundo muçulmano que traz impactos até hoje. O enfraquecimento das comunidades muçulmanas pôde ser notado com o fim da Primeira Guerra Mundial e o fim do Império Otomano, criando-se um espaço oportuno para a influência cultural ocidental. Isso resultou no fortalecimento dos movimentos fundamentalistas como movimentos de resistência, fazendo nascer novos grupos extremistas que disseminariam o terror no mundo moderno.

Como exemplo, uma série de atentados reivindicados por radicais islâmicos marcaram profundamente algumas sociedades desde a metade do século XX e continuam marcando. Carros-bomba, explosões em lugares públicos, aniquilações, sequestros, homens-bomba. Ataques em várias partes do mundo causam mortes e geram sentimentos de ameaça e medo. Entretanto, há uma razão para tal.

Nesse trabalho não pretendemos justificar as ações extremistas punindo apenas o Ocidente pela forma que ele atuou e atua. Nossa intenção não é advogar a favor dos grupos extremistas que mudam a concepção do Islã e que causam atrocidades, deturpando a identidade islâmica. Vamos analisar o interesse do Ocidente em reforçar e acrescentar nessa temática. É muito oportuno para a sociedade ocidental construir uma visão que distorce a identidade muçulmana numa “guerra contra o terror” para o lucro de suas indústrias bélicas ou para “proteção da identidade nacional” aumentando a xenofobia.

Precisamos considerar o poder que o discurso de uma nação tem.

Com a complexidade do mundo moderno, podemos analisar a dificuldade em estabelecer ou permanecer com uma identidade íntegra. Os fundamentalistas desejam a interpretação literal de seus livros sagrados como reafirmação de suas identidades e negação da imposição de uma identidade externamente construída. As ações surpresas dos grupos radicais islâmicos constituem um dos elementos que colocam em questão a integridade do Estado e desafiam sua soberania. E as fazem por razões específicas e questionáveis. Estados adotam determinadas posturas diante desse contexto e reproduzem uma realidade do mundo muçulmano de uma maneira que ele não é. E então a interpretação e a formação de opiniões sobre o mundo islâmico e o Oriente são colocadas de maneiras hostis e xenófobas. Ficando evidente que a forma como os Estados ocidentais tratam as temáticas de outras nações induz o meio como os indivíduos vão tratar e pensar as mesmas.

O objetivo do nosso trabalho é compreender como é construída a identidade fundamentalista islâmica a partir do Ocidente nos dias atuais, analisando a aproximação do Oriente e Ocidente apresentada por Edward Said, e analisar quais os efeitos dessa construção hoje. Em relação à metodologia, a pesquisa é de caráter qualitativo, também descritiva. As informações usadas foram adquiridas em fontes secundárias como livros, revistas, monografias, dissertações e em forma eletrônica.

No primeiro capítulo, vamos explicar como os movimentos fundamentalistas radicais surgiram e a partir deles como suas identidades foram percebidas pelo Ocidente e sua posição na modernidade. Ademais, faremos um levantamento histórico do surgimento do fundamentalismo islâmico, daremos enfoque na história da Irmandade Muçulmana no Egito e da Revolução de 1979 no Irã, pois foram dois grandes movimentos que impulsionaram outros grupos radicais posteriores que atuam hoje em vários países baseados em princípios radicais que eram pregados inicialmente e enfaticamente pelos Irmãos Muçulmanos e pelo Aiatolá Khomeini. Após um breve entendimento sobre a história do fundamentalismo, o recorte histórico será feito no tempo presente, devido ao reavivamento do tema num período recente do final do século XX até os dias atuais.

No segundo capítulo, buscaremos explicar de que maneira é construída a identidade dos movimentos fundamentalistas islâmicos a partir do Ocidente no contexto atual relacionado ao terrorismo, discutindo como a mídia internacional é um instrumento especial usado para reproduzir a realidade do Islã e dos muçulmanos de maneira que convém influenciar a opinião pública a favor ou contra ações que dizem respeito aos

muçulmanos e seus territórios.

E no último capítulo estudaremos como as reações da construção dessa identidade fundamentalista pelo ocidente são presenciadas hoje, devido ao crescimento da religião islâmica e um grande fluxo migratório de pessoas que são muçulmanas se instalando em países europeus, juntamente com a ideia estereotipada pela mídia e ênfase internacional de combate ao terrorismo, temos uma nação muçulmana estrangeira em países europeus que cada vez menos se sentem acolhidos por uma sociedade que apoia medidas anti-islâmicas e são consideradas ações extremistas ocidentais xenófobas.

Consideramos a importância acadêmica do tema visto que trata de questões que estão no cerne do debate político internacional, incluindo a União Europeia e no debate securitário dos Estados Unidos, criando um elo com os crescentes comportamentos xenófobos por parte das populações dos países anteriormente citados. Traz também, uma visão crítica às posturas contraditórias dos países ocidentais que ao mesmo tempo que refutam o fundamentalismo islâmico, se apropriam dessa identidade para legitimar suas ações de força numa “guerra contra o terror”. E também não só acadêmica trazendo mais uma contribuição sobre o tema, mas a importância social visto que o trabalho também explica por que a identidade fundamentalista islâmica não representa o mundo muçulmano, mas é percebido pelo ocidente dessa maneira, resultando em comportamentos xenófobos, o que esperamos contribuir para que não ocorra após a leitura desta.

1.IDENTIDADE E O SURGIMENTO DO FUNDAMENTALISMO

As relações internacionais têm se dado em torno de um mundo globalizado e devido à multiplicidade de atores, elas se diversificaram em níveis locais, regionais e globais ficando cada vez mais interconectadas. No passado, Impérios Ocidentais investiram tempo nas relações com outros povos onde diferenças foram percebidas e acabaram moldando a percepção de um continente sobre o outro. Assim eram, antes de mais nada, interações: políticas, comerciais ou coloniais, entre pessoas que transpassavam fronteiras e que produziram efeitos em ambos os lados. E ainda são, “as relações internacionais são, antes de qualquer coisa, relações humanas, entre indivíduos que se percebem como diferentes”¹. Tais interações trouxeram entendimento a respeito do mundo do outro e ajudaram a construir a própria visão de mundo ocidental e oriental hoje. Experiências foram trocadas, culturas conhecidas e identidades expressadas. Através do contato com o outro, identidades² passam a ser fortalecidas e até alteradas.

Desde os primeiros contatos com os países orientais, entendemos aqui como os Estados Unidos e a Europa Ocidental, considerando os países que hoje fazem parte da União Europeia, a História mostra que o Ocidente, por meio da colonização se colocava como representante da civilização para levar esta aos não-civilizados. Ao explorar o Outro e o descrever, o reconheceu em sua diferença e utilizou isso a seu favor. Sempre houve uma tendência do Ocidente em querer representar o Outro, e Said percebe que das primeiras interações, o Oriente foi interpretado como “exótico e ameaçador ao mesmo tempo” pelo Ocidente.³

A maioria das nações foram constituídas a partir das suas relações com os Impérios, e muitas delas foram marcadas pela exploração e submissão, que acabaram construindo suas histórias e também as levaram à independência. Vamos analisar os primeiros contatos ocidentais com as nações árabes que deixaram sequelas até os dias atuais: o estranhamento da cultura e religião islâmica; assim como qualquer elemento relacionado a estes; a rejeição da modernização imposta pelo Ocidente que impulsionaram os grupos islâmicos radicais atuais; quais então as principais ações que

¹ SILVA, Douglas Andrade Da. *Totalitarismo, Alteridade e Relações Internacionais*. Contribuições para a análise da política internacional, 2010.

² Considera-se identidade como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado”. (CASTELLS, 1999, p. 22).

³ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.14.

fizeram surgir os movimentos fundamentalistas islâmicos radicais? De modo que, a imagem negativa do mundo árabe foi exportada a partir dos países ocidentais para o resto do mundo a começar dessa proximidade, quando os orientais foram vistos como inferiores, pessoas que precisavam do modelo de vida ocidental, sendo comparados com grupos excluídos das sociedades ocidentais e tinham de ser civilizados, como coloca Said:

Juntamente com todos os demais povos variadamente designados como atrasados, degenerados, incivilizados e retardados, [...] o Oriente foi ligado a elementos da sociedade ocidental (delinquentes, loucos, mulheres, pobres), que tinham em comum uma identidade que era mais bem descrita como lamentavelmente estrangeira. Os orientais raramente eram vistos ou olhados; a visão passava através deles, e eram analisados não como cidadãos nem como povo, mas como problemas a serem resolvidos, ou confinados, ou – posto que as potências ocidentais cobiçavam abertamente o território deles – conquistados. A questão é que a própria designação de uma coisa como oriental envolvia um juízo de valor já emitido, [...]. Posto que o oriental era membro de uma raça subjugada, ele tinha de ser subjogado: era simples assim.⁴

O comportamento dos países ocidentais nunca foi de empatia com os povos orientais, pelo contrário, através da colonização povos foram usados, juntamente com suas riquezas. Na relação entre o Ocidente e o Oriente, “era notório o conhecimento da Europa sobre o Oriente que fora reforçado pelo encontro colonial e também pelo interesse pelo estranho e incomum, além do mais, a Europa estava sempre em uma posição de domínio”.⁵ Essa posição de domínio foi frustrante para muitas nações. O Ocidente tentou impelir no outro continente um tipo de cultura única ou similar à sua, uma cultura que era civilizada e educada, entretanto, não compreendeu um detalhe: os povos em suas diferenças, possuem e constroem identidades diferentes que refletem no seu modo de viver.

O contato entre Ocidente e Oriente foi marcado por diferenças, em suas histórias específicas, e cada povo em sua singularidade possui sua identidade construída pela própria história e elementos culturais, até o momento de se estabelecer o contato com o outro. As identidades também são representadas através da diferença. A questão está em quando as diferenças são percebidas como um problema a ser resolvido. “A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições, [...] as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre “nós” e “eles”.⁶ Essa oposição entre “nós” e “eles” estabeleceu as diferenças onde

⁴SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.213-214.

⁵ Ibidem, p.50.

⁶ SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p.42.

o Ocidente constituiu a ideia de que era necessário mudar a cultura d“eles”, conseqüentemente alterando sua identidade. Ter uma cultura, religião e um modo de vida diferentes não era algo a ser visto com bons olhos no Ocidente, não poderia reconhecê-lo como igual, era preciso julgá-lo como diferente para que se pudesse ter domínio sobre ele. De modo feliz Silva argumenta:

Reconhecer a existência do outro implica aceitar a diferença - e não estabelecer hierarquia. Grande parte dos conflitos e tensões políticos, seja direta ou indiretamente, reside justamente na construção, de forma arbitrária, de uma hierarquia dentro das relações interpessoais. No entanto, admitir a alteridade e a pluralidade não implica estabelecer julgamento de valores, princípios, raças ou qualquer critério que diferencie indivíduos. Há apenas o reconhecimento da própria diferença, da diversidade. É uma premissa que Relações Internacionais deveria sempre considerar em sua análise e que ajuda a entender muitos cenários da política internacional contemporânea.⁷

As diferenças dos árabes foram percebidas como problemas pelos ocidentais nos primeiros contatos civilizacionais. Pois, o ocidental percebeu o oriental como ultrapassado, embora fizessem a mesma coisa de formas diferentes: se relacionar em sociedade, o ocidental se viu como um guia para as regalias do mundo moderno aos povos não-civilizados. É preciso lembrar que os conflitos que o Ocidente produziu no mundo muçulmano ocorreram devido a interesses egocêntricos e indiferença, tanto como a falta de alteridade em suas relações. Ainda, “se lembrarmos que as sociedades humanas, pelo menos as culturas mais avançadas, raramente ofereceram ao indivíduo qualquer coisa além de imperialismo, racismo e etnocentrismo para tratar com ‘outras’ culturas”.⁸

As conquistas subjugaram os povos, suas culturas, e tradições na tentativa de impor um tipo de cultura hegemônica única [...] “as nações ocidentais modernas foram também os centros de impérios ou de esferas neoimperiais de influência, exercendo uma hegemonia cultural sobre as culturas dos colonizados”.⁹ Nessa tentativa, alguns países tentaram acatar as ideias e os modelos dos sistemas políticos ocidentais, mas se tratavam de visões de mundo muito distintas. A propaganda era “boa”: modernização, desenvolvimento e tecnologia. Mas o que era tão diferente? Praticamente tudo. Os países ocidentais se moviam na lógica da modernidade, idolatrando a razão Iluminista e a intelectualidade, onde a fé já tinha perdido espaço.

Os países muçulmanos viviam em suas tradições, suas sociedades funcionavam

⁷ SILVA, Douglas Andrade Da. *Totalitarismo, Alteridade e Relações Internacionais: Contribuições para a análise da política internacional*, 2010, p.41.

⁸ *Ibidem*, p.210.

⁹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p.60-61.

através de princípios religiosos como referência. Isso não interessava mais aos países ocidentais, principalmente na Europa, com o declínio do poder da Igreja Católica nas relações políticas, juntamente com o “Destino Manifesto” dos Estados Unidos de espalhar a democracia em todo o globo, os embates das potências da época intimidou a maior parte das nações, e principalmente o mundo árabe, resultando em violentas reações. Esse pensamento do *Manifest Destiny*,

seria o alicerce desta nova nação, que fincaria na mentalidade de seus cidadãos um moralismo exarcebado com forte regramento para o labor, mas também, um desejo de nação superior, [...] Deus estaria com eles, os teria escolhido dentre tantas nações para representá-lo, e, grosso modo, eram eles, de agora em diante, os responsáveis pelos bons comportamentos dos povos, pela civilidade das raças, pela boa religião nas cidades, e, como juízes do mundo, pelo julgamento do que era bom e do que seria o mal.¹⁰

A modernidade se caracterizava e continua (no pensamento ocidental) com a separação entre o Estado e religião. Como essa lógica iria se adaptar a sociedades que tinham suas bases sociais e políticas no Islã? Como as elites ocidentais chegaram a achar que seria simples tentar mudar as sociedades e conseqüentemente, suas identidades, com princípios tão diferentes? Said responde que:

A coisa mais importante sobre teoria na primeira década do século XX é que ela funcionava, e funcionava desconsertadamente bem [...] Há ocidentais e há orientais. Os primeiros dominam; os segundos devem ser dominados, o que costuma querer dizer que suas terras devem ser ocupadas, seus assuntos internos rigidamente controlados, seu sangue e seu tesouro postos à disposição de uma ou outra potência ocidental.¹¹

Entretanto, existe um aspecto que explica e nos ajuda a entender a base da construção de uma identidade negativa sobre outros povos que é o Darwinismo Social. Especificamente com o conceito nas ciências naturais de *Eugenia* que visa o controle da reprodução ao decidir o que deve ser reproduzido com a finalidade de refutar o que “atrapalhasse” a espécie humana de evoluir. Um exemplo social disso são os casamentos feitos entre judeus, reprimindo a união de duas pessoas de nacionalidades diferentes. Tais modelos de casamento, encontrado também em outros grupos, não só entre judeus, justificado para fortalecer laços sociais, influência e tradição foi observado como uma forma de preconceito ao não incluir aqueles que são diferentes.

É vista apenas como uma maneira de camuflar um tipo de preconceito enraizado

¹⁰ FERREIRA, Emerson Benedito. *Eleitos por Deus: O Destino Manifesto e o Imaginário Popular estadunidense do século XIX*. 2015, p.3,4.

¹¹ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.46.

nos “mais fortes” podendo chegar ao extremo como o exemplo de Hitler. Apesar de ser um conceito antigo, esse tipo de prática é bem presente hoje em qualquer sociedade marcada entre os que excluem e os excluídos.

Houve uma distinção clara entre “nós” e “eles” onde os dominadores iriam definindo a identidade do mundo árabe e dos muçulmanos. Embora tivessem sua própria identidade, a classificação por parte dos europeus e americanos foi o que contribuiu também para que ocorressem conflitos posteriores entre religião e mundo secularizado que duram até hoje.

Após um bom tempo intervindo no mundo árabe, as relações entre o Ocidente dominador e o Oriente que estava reagindo às crises da modernidade pareciam cada vez mais complicadas. A questão da ocupação, da concorrência europeia do Oriente, as negociações com as elites nativas, os movimentos populares, pressões para autogoverno principalmente, a questão dos contatos civilizacionais entre o Oriente e o Ocidente¹² iam infiltrando a modernidade nos países muçulmanos desgastando o pensamento de que o Islã poderia continuar regendo a vida em sociedade.

E o que começava a construir a identidade do Oriente por parte do Ocidente, era a diferença: “a diferença entre o Ocidente, que é racional, desenvolvido, humanitário e superior, e o Oriente, que é aberrante, subdesenvolvido e inferior”.¹³ A partir dessas relações essa identidade ia sendo construída. Pois, “toda identidade, socialmente falando, é construída [...] e ocorre em um contexto marcado em relações de poder”.¹⁴ Silva defende que as identidades relacionadas à distinção “nós e eles” e “a marcação da diferença é crucial no processo de construção das posições de identidade”, e continua o autor:

Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social - são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos - nós/eles.¹⁵

Então, não importa como o mundo muçulmano era de fato, e como eram suas formas de se relacionar em sociedade, o Ocidente estava empenhado em tirar de cena o

¹² Ibidem, p.254.

¹³ Ibidem, p.305.

¹⁴ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol 2. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p.4,23.

¹⁵ SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 40.

desenvolvimento atrasado, a tecnologia obsoleta e as tradições que, para o europeu, não significavam nada. “E, contudo, o que dava ao mundo oriental a sua inteligibilidade e identidade não era o resultado de seus próprios esforços, mas era, antes, toda a complexa série de manipulações cultas pelas quais o Oriente era identificado pelo Ocidente”¹⁶.

A consciência dos ocidentais estava pautada em dominar e ensinar os orientais um novo paradigma que era tido como o melhor para esses povos. Essa atitude do Ocidente trouxe implicações para que a identidade do mundo muçulmano começasse a sofrer alterações. Pois, “nas relações com o Ocidente, a Modernidade permaneceu sempre um mundo estranho e hostil, uma decadência tão inelutável que lhe não é reservado qualquer lugar na compreensão islâmica do ‘mundo da vida’ ”¹⁷. Alterações estas, que fizeram surgir os movimentos fundamentalistas islâmicos, como uma identidade de resistência aos princípios modernos.¹⁸ Se a cultura ocidental estava sendo infiltrada nos países orientais, não era mais necessária a religião para reger a vida em sociedade. Isso certamente foi um choque para as nações islâmicas.

Dessa influência nos países islâmicos, foi que fizeram emergir os movimentos fundamentalistas islâmicos. É necessário entender como aconteceu. Trataremos a seguir, sobre como o fundamentalismo islâmico surgiu e como adquiriu caráter político e militante. Antes, é necessário entender a origem do termo. O termo fundamentalismo é ocidental e explicando de uma forma simples, Boff afirma que o fundamentalismo “não é uma doutrina. Mas uma forma de interpretar e viver a doutrina”¹⁹. Embora tenha sua origem no Cristianismo com os americanos protestantes, no fim do século XX ressurgiu de uma maneira mais intensa e é encontrado também no Islamismo e Judaísmo.

Se apresentou em diferentes formas ao longo da História, buscando no passado ou presente um mesmo propósito: preservar suas identidades diante das pressões da modernidade. Essa busca resultou na construção e reafirmação de identidades dos indivíduos nos dois continentes durante a transição do século XX para o século XXI. Período esse que marcava o auge da globalização e as mudanças no mundo moderno (ou pós-moderno) caminhavam de maneira mais rápida do que se imaginava. “A modernidade foi, para alguns, libertadora, mas para outros também foi destruidora [...] algumas das

¹⁶ Ibidem, p.50.

¹⁷ PEREIRA, Miguel Baptista. *Modernidade, Fundamentalismo e Pós-Modernidade*. Revista Filosófica de Coimbra, 1992, p.220.

¹⁸ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol 2. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p.25.

¹⁹ BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo. A globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, p.25.

pessoas que vivenciaram a modernidade basicamente como um ataque se tornariam fundamentalistas”.²⁰

Movimentos fundamentalistas surgem questionando as mudanças trazidas pela modernidade em suas sociedades, que podem ser percebidas como o menosprezo pelas tradições, o alheamento aos valores religiosos e a astuciosa infiltração da cultura estrangeira. Dois cenários distintos: Um novo modelo racional para se pensar o mundo contra uma antiga estrutura onde interpretações de princípios religiosos garantiam uma vida normal em sociedade. Separação entre religião e Estado. É um dos atributos que mais definira Modernidade aos recentes Estados-nações. E fez indivíduos refletirem sobre a presença ocidental em suas vidas e que se mostraram com um caráter combativo.

Assim, os fundamentalistas viram na modernidade, um sentimento de ameaça que tomava conta das suas culturas e estilos de vida, e esse modelo teve rejeições em algumas nações islâmicas. Nesse sentido, nosso estudo analisará como surgiram os movimentos fundamentalistas no Egito, com os sunitas, e no Irã com os xiitas. Visto que os movimentos ocorridos nesses dois países inspiraram outros grupos mais radicais e que fundamentam seus atos extremistas hoje.

Se os movimentos fundamentalistas possuem caráter radical, as características da Modernidade não são diferentes. “O fundamentalismo, por mais diferentes que sejam as suas formas e o grau de mobilização da sua mensagem, apresenta-se como resultado do paradoxo da modernidade”.²¹ A modernização ocorreu primeiro no Ocidente e bem mais tarde nos países orientais. O novo arranjo sociopolítico se firmou em princípios racionais, exaltando a ciência, rejeitando fontes religiosas como única fonte de conhecimento, promovendo ideais de democracia e desenvolvimento econômico. O mundo estava se reconfigurando, e as nações estavam se erguendo no auge da Globalização. Fim da bipolaridade no Sistema Internacional, rápida comunicação, novas tecnologias, nascimento do Estado-Nação, emergência dos Direitos Humanos em âmbito universal, novos conceitos sobre Guerra e Paz. Existia um contexto favorável para a desintegração de culturas e identidades no Pós-Segunda Guerra.

Os países ocidentais procuravam exercer suas influências esperando que o resto do mundo se tornasse secular. Assim a Comunidade Internacional, que experimentou

²⁰ ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus. O fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.14.

²¹ PINTO, Maria do Céu Ferreira. *O Fundamentalismo Islâmico*. Revista Nação de Defesa, vol. 79, 1996, p.119.

guerras e revoluções dos séculos anteriores, estaria em equilíbrio, pois a insegurança acabaria ao promover cooperação entre os países. Não imaginavam que os conflitos pudessem se manifestar de diferentes maneiras, inclusive por conta de questões religiosas. Afinal, ideias democráticas juntamente com os diálogos diplomáticos certamente resolveriam qualquer tipo de conflito entre colonizados e colonizadores.

A História provou que a modernidade, assim como o progresso, não ocorreu igualmente para todos os povos. Como imaginaram que as ideologias ocidentais seriam aceitas passivamente no Oriente? Nações diferentes, culturas e histórias diferentes. O Ocidente, principalmente os países ganhadores da Segunda Guerra, se apresentou como um guia sobre como os países deveriam se comportar para o “desenvolvimento”. A questão é: queriam os países orientais ser “avançados” como o Ocidente? Não.

O mundo mudara. Ocorreu a revolução tecnológica, o surgimento de novas descobertas científicas, a expansão das ideias liberais com novos modelos de produção, as relações internacionais iam de vento em poupa. A nova ordem do sistema internacional globalizada, com o passar do tempo “acentuou a lógica individualista e não-cooperativa da cultura do capital, destruiu os laços de solidariedade entre os povos, exacerbou o individualismo, tentou desconstruir o Estado visto como obstáculo à expansão dos capitais”.²² Mas ainda assim, o progresso era visível, uma nova forma de pensar o mundo e se relacionar. Ora, os países colonizadores que haviam acumulado riquezas expunham a lógica capitalista como única e necessária. Necessária até para alcançar a paz. Qual tipo de paz?

Foi assim que algumas nações foram constrangidas a migrar para essas ideias que, posteriormente causariam abalos na estrutura que era sustentada há tanto tempo pelo Islã. Do século VII ao século VIII o Islã se expandiu em áreas consideradas sagradas para os cristãos: a Terra Santa, algumas regiões da Ásia onde os cristãos se reuniam como igreja, depois se difundiu no norte da África até a Espanha. Do século XII ao século XIII os cristãos reagem com uma contra-ofensiva a partir das cruzadas resultando em uma grande parte da população muçulmana sendo expulsa na Espanha em 1492.²³

O crescimento do Islamismo foi visto como uma resposta a essas cruzadas religiosas vindas do catolicismo, como a Conquista de Constantinopla e a ocupação dos Balcãs sendo percebida como ameaça sobre a Europa. E por seguinte, “nos séculos XIX

²² BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo. A globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, p. 33.

²³ *Ibidem*, p.30,31.

e XX as potências ocidentais fazem o processo contrário, dominando e colonizando os principais territórios islâmicos na África, Oriente Médio e Extremo Oriente usando violência militar, exploração econômica e imposição cultural e religiosa”.²⁴

Essa imposição cultural pôde ser vista quando alguns países forçadamente tentaram acolher as ideias modernas. A Turquia, o Irã, e o Egito são alguns exemplos. As ideias eram muito diferentes dos costumes habituais da época e crises sociais aconteceram no que tange à questão da identidade muçulmana. Os fundamentalistas viram que a interpretação literal do Livro Sagrado seria uma forma de retorno a um estilo de vida que a modernidade desaprovava. Concordando com Pereira:

a palavra fundamentalismo designa a cruzada espectacular contra o Ocidente [...] fundada numa interpretação do Islão, que defende a verdade absoluta dos textos sagrados e da tradição contra toda a crítica moderna, condena a ciência ocidental e propõe a união entre Estado e Religião, em que as leis e as regras religiosas sejam a base da constituição política e de toda a vida pública. Com este fundamentalismo sintonizaram-se nações de cultura islâmica, que aceitaram a crítica veemente e agressiva [...] à modernização importada do Ocidente em virtude da ameaça de perda de identidade cultural e da fé religiosa dos povos islâmicos.²⁵

Embora estejamos falando do embate entre o Ocidente e a cultura islâmica, inicialmente, os fundamentalistas não surgiram com o propósito de afrontar os países ocidentais, mas com uma reivindicação da volta dos termos fundamentais em suas próprias sociedades que se deixaram levar com a cultura estrangeira. Um sentimento de ameaça despertou os indivíduos fazendo com que eles se unissem em defesa de suas identidades. Dessa forma, Armstrong esclarece que:

o fundamentalismo raramente surge como uma luta contra um inimigo externo; em geral começa com uma luta interna travada pelos tradicionalistas, contra os próprios correligionários que, ao seu ver, estão fazendo demasiadas concessões ao mundo secular. Com frequência os fundamentalistas reagem instintivamente à invasão da modernidade criando um enclave de fé pura [...] onde tentam redefinir a existência a despeito das mudanças ocorridas a sua volta.²⁶

Para os fundamentalistas, as sociedades islâmicas estavam abrindo muito espaço para os países ocidentais sugerirem como eles deveriam se organizar em sociedade a partir do novo contexto internacional. Existiam os fundamentalistas moderados e os radicais. Diferente do que é reportado nas mídias sociais internacionais, existem diferentes tipos de fundamentalismos islâmicos como existem diferentes ramificações do Islã. Castells

²⁴ Ibidem.

²⁵ PEREIRA, Miguel Baptista. *Modernidade, Fundamentalismo e Pós-Modernidade*. Revista Filosófica de Coimbra. Portugal, 1992, p. 244-245.

²⁶ ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus – O fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009, p.133.

explica que “o fundamentalismo islâmico implica a fusão de *shariah*²⁷ e *fiqh*²⁸, ou a interpretação e aplicação dos princípios por juristas e autoridades sob o domínio absoluto da *sharia*”. Existem ainda, variações do fundamentalismo islâmico, do conservador ao radical, assim como diferenças entre a tradição *Shiixuta* e a tradição *Sunnisunita*.²⁹ Do político ao violento, todos almejam a mesma coisa: suas identidades íntegras baseadas em suas interpretações do Islã.

Contudo, os movimentos fundamentalistas aconteceram de diferentes maneiras nos países muçulmanos. Nosso objetivo não é analisar o Islã em si, ainda assim, se faz necessário compreender um pouco sobre ele. “Definir o Islã está longe de ser uma questão simples. Usando categorias ocidentais que podem ser alheias a percepções muçulmanas, afirmamos no começo que o Islã é uma fé religiosa e uma ideologia política; é também, em alguns contextos, a marca de uma identidade pessoal e coletiva. Estas três definições, não excluem nem incluem umas às outras”.³⁰ Pode ser entendido como uma identidade religiosa e ideologia política. O Islã sofreu mudanças nos países árabes, no que diz respeito ao nacionalismo e no seu ramo militante, e quando os países muçulmanos que foram colônias dos europeus ou sofreram influência americana foram pressionados a migrar para a nova lógica capitalista, que pouco tinha haver com suas pretensões.

1.1 O surgimento do fundamentalismo no Egito e no Irã

Temos dois exemplos da ascensão fundamentalista islâmica no mundo moderno: o Egito e o Irã. Os movimentos fundamentalistas nesses dois países impulsionaram e inspiraram grupos terroristas atuantes hoje em todo o Oriente Médio, Ásia Central e Norte da África. Grupos como o Talibã, Al Qaeda, Estado Islâmico do Iraque e do Levante, Boko Haram, Hamas, entre outros, se baseiam no fundamentalismo islâmico que tem sido avivado desde o século XX. Antes de fundar a Irmandade Muçulmana no Egito – um dos primeiros líderes, Afghani, viajou pela Arábia, Turquia, Rússia e Europa e se alarmou

²⁷ Trata-se da lei estipulada por Deus aos homens que regula a relação do homem com Seu Criador, a relação dos seres humanos entre si, e a relação dos indivíduos com a criação. EL HANINI, Zuhra Mohd. *Noções de Direito Islâmico (Shariah)*. Brazil, 2007. p.23.

²⁸ As revelações encontradas no Alcorão e a Jurisdição Islâmica. Ibidem.

²⁹ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Vol 2. 6ª ed, São Paulo: Paz e Terra, 1999, p.31.

³⁰ Defining Islam is far from a simple matter. Using Western categories that may be alien to Muslim perceptions, we may state from the start that Islam may be both a religious faith and a political ideology; it is also, in some contexts, a mark of personal and group identity. These three definitions neither exclude nor include each other. Tradução própria, RUTHVEN, Malise. *Islam: A Very Short Introduction*, Oxford University Press. 1997. p 3.

com a ubiquidade e o poderio do Ocidente, que, tinha certeza, logo esmagaria o mundo islâmico.³¹

Quando se instalou no Cairo em 1871, estava decidido a ensinar os muçulmanos a unir-se sob a bandeira do Islã e a usar a religião para neutralizar a ameaça do imperialismo ocidental [...] estava certo ao prever uma perda de identidade cultural que resultaria em fraqueza.³² Alguns egípcios simpatizaram com a ocidentalização, alguns intelectuais acreditavam que era possível criar um Islã moderno, adotando características do Ocidente ou até mesmo tentando imitá-lo. O Egito sofria com o desdém dos ingleses com a população enquanto a Irmandade Muçulmana ganhava espaço. Fundada a partir de reuniões entre estudantes, intelectuais, que discutiam o contexto do seu país, em seu projeto, o objetivo da Irmandade no começo se dava por uma “reislamização” dos próprios muçulmanos, para assim toda comunidade se transformar.

No início não defendiam as interpretações do Livro como leis absolutas, se preocupavam com o futuro da nação muçulmana e quando estavam consolidando suas ideias políticas, a imagem da organização se tornava negativa, pois alguns adeptos se juntaram em uma facção radical. Havia uma nação que queria experimentar os benefícios de “ser ocidental” e outra que lutava pela preservação cultural e identitária, como conta Ali, um dos fundadores da Irmandade Muçulmana:

Hasan al-Bana estava seriamente preocupado com o futuro do Egito ao sofrer influência dos países Ocidentais. Ele ficara extremamente perturbado com a constituição secular que foi adotada pelo Egito em 1923, e a abolição do califado um ano depois foi um epílogo inaceitável. Isso levou-o a decidir contra a modernidade e seus males. Em 1928 fundou a Irmandade Muçulmana para propagar reformas morais e políticas através da educação e da propaganda.³³

Foi na política que os Irmãos Muçulmanos encontraram aceitação da sociedade, como afirma Castro, que o grupo “encontrou na esfera política um meio para reforma e para transformação da sociedade egípcia. Não se tornou conhecido apenas por episódios de violência, mas pela pregação de valores morais e religiosos e pela proposta de luta por justiça social, principalmente efetivada pela fundação de escolas e clínicas de saúde.³⁴ Outro importante líder da Irmandade Muçulmana teve seu caráter mais extremo, Sayyid

³¹ ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus – O fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009, p.136.

³² *Ibidem*.

³³ ALL, Tariq. *Confronto de Fundamentalismos*. São Paulo: Records, 2002, p.140.

³⁴ CASTRO, Isabelle Christine Somma de. *Do islã à política: A expansão da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos no Egito (1936-1949)*. São Paulo, 2014, p.23.

Qutb ³⁵ tinha como objetivo manter a autenticidade do Islã, mas também impedir a poluição moral ocidental.

A ideia de aculturação significava o refutar os valores tradicionais como os deveres familiares e os laços sociais de solidariedade. Em sua viagem aos Estados Unidos, suas ideias de reforma política através do Islã foram fortalecidas. Para ele, o Ocidente era um terreno bárbaro, até a liberdade das mulheres ocidentais significava o “colapso moral dos homens”³⁶, como é explorado por Raposo:

[...]aquilo que Qutb odiou nos Estados Unidos é aquilo que os Estados Unidos (e demais sociedades ocidentais) têm de melhor: a liberdade, o cosmopolitismo, o pluralismo sem um centro religioso único, a liberdade das mulheres, o individualismo. E aquilo que desesperava Qutb era o seguinte: como é que o islão – uma entidade cultural e moralmente superior – podia ser dominado por uma entidade moral e culturalmente inferior – o Ocidente? Para Qutb, não existia correlação entre a grandeza material do Ocidente e os homens bárbaros que a criaram. Neste sentido, o Ocidente e o islão eram duas entidades eticamente separadas; dois absolutos morais (o Bem do islão vs o Mal do Ocidente). [...] o conflito com o Ocidente é eterno, e não podem existir compromissos ou concessões em relação ao Ocidente e em relação aos muçulmanos que já foram contaminados pelo Ocidente.³⁷

Nesse sentido, os pilares da Irmandade Muçulmana iam sendo construídos num fundamentalismo político, o ódio pelos Estados Unidos, difusor da democracia, era expresso abertamente aos que seguiam a ideologia da Irmandade, “Qutb instaurou o antiamericanismo como um dos pilares centrais do islamismo: amar o islão e odiar a América passaram a ser sinônimos”.³⁸ Então, além do ódio pelo materialismo ocidental, a ideia de soberania nacional, tão presente no ambiente político moderno, era considerada uma aberração na concepção de Sayyid. Não era aceita a ideia de que um sistema político poderia ser totalmente regido pelo homem, os homens teriam de cumprir apenas ordens divinas.

Dessa forma, “o Ocidente era – aos olhos de Qutb – uma dupla aberração, dado que o mundo ocidental era composto por diversos estados soberanos governados por um sistema político inteiramente feito por leis humanas: a democracia”.³⁹ Que, segundo

³⁵ um dos responsáveis por prover as bases teóricas para o islã militante moderno, em 1949 se envolveu com as atividades da Irmandade Muçulmana e publicou seu primeiro livro religioso e sociológico, *Social Justice in Islam* que é uma defesa apaixonada do islã radical, incluindo uma profunda apologia à jihad. Ele foi o primeiro a apresentar os fundamentos teóricos que estabeleceram claramente as justificativas para o radicalismo muçulmano moderno, que careciam de um “manual” prático com bases corânicas para suas ações. AMADO, Marcos. *Sinalizações ao longo do caminho. Entendendo as bases do islamismo radical moderno*. Martureo, 2015.

³⁶ RAPOSO, Henrique. *O islamismo nas sociedades europeias. Os mitos da comunidade muçulmana, do diálogo de civilizações e do islão moderado*. Relações Internacionais, nº 22, 2009.

³⁷ Ibidem.

³⁸ Ibidem.

³⁹ Ibidem.

Wainberg a democracia é a estrutura sobre a qual está montado o pensamento capitalista. Os muçulmanos se irritam com a ideia de que a função de Legislador nas sociedades ocidentais é regida por ideias humanas e não por um Deus Todo-Poderoso. E, para os muçulmanos, acolher a democracia significaria não obedecer aos versos do Alcorão. Igualmente como o pensamento dos Direitos Humanos, vista como uma imposição ocidental, sem base na tradição do Islã e também não deve ser aceito. Não existe liberdade de crença, uma vez que abraçam o Islã, não tem a opção de renúncia.⁴⁰

Mas o fato que se destaca na história do Islã radical aconteceu entre os iranianos. O Irã se posicionava a favor dos Estados Unidos 1979. A maioria da população era xiita, se caracterizando a favor do extremismo islâmico, era contra o imperador o Xá Reza Phalevi. “No Irã, o Ocidente apoiou um despótico Xá de segunda geração cuja modernidade tinha até instrumentos de tortura especialmente encomendados a empresas britânicas”.⁴¹ Em pouco mais de 1909 a Inglaterra estaria interessada em auxiliar seu desenvolvimento e consumia petróleo iraniano.

Na tentativa de acatar as ideias ocidentais, o Irã tentou se modernizar com uma estrutura antiga e agrária, tomou empréstimos estrangeiros e apenas uma pequena elite desfrutava da “modernização”, isso começou a aborrecer a população. Como no Egito, duas nações estavam surgindo no Irã e entendendo-se cada vez menos. Uma a favor da modernidade e outra admitindo que as influências ocidentais eram uma péssima ideia. Uma “nação” compreendia a pequena elite ocidentalizada das classes altas e média, que se beneficiara com o programa de modernização; a outra consistia na vasta massa dos pobres, que, confusos com o novo nacionalismo secular do regime, dependiam como nunca da orientação dos ulemás.⁴²

Esse era o contexto da nação iraniana: uma monarquia pró-ocidente, alta inflação, onde depois de cometer torturas, ser preso e amenizar o espaço do Islã na sociedade iraniana, o líder foi odiado pela nação. O setor mais importante desse novo modelo, o setor econômico, não conseguiu acompanhar as exigências ocidentais capitalistas, gerando insatisfação da população, como Ali explica:

A crise da economia iraniana em 1975-76 indicou o fracasso das muito alardeadas “reformas” do Xá. Uma Estrutura de Estado parasitária estava consumindo boa parte da riqueza gerada pelo petróleo. Os gastos com

⁴⁰ WAINBERG, Jacques. *O poder das palavras e das ideias: o caso do fundamentalismo islâmico*. Revista FAMECOS, nº 34. Porto Alegre, 2007, p.120.

⁴¹ ALL, Tariq. *Confronto de Fundamentalismos*. São Paulo: Records, 2002. p.382.

⁴² ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

armamentos eram particularmente elevados em uma época em que um milhão de pessoas estavam desempregadas e a inflação tinha chegado a 30 por cento.⁴³

E então, através de uma revolução, a população teve o que desejava: a saída das ideias ocidentais do país e o retorno às ideias islâmicas. O chefe religioso liderou a revolução expondo suas críticas aos Estados Unidos publicamente, onde acreditava deteriorar os valores islâmicos. O Aiatolá Khomeini estava em toda parte, o Islamismo estava ressurgindo: crescia o número de mulheres que se cobriam antes de sair na rua, e ao mesmo tempo era visível um certo nacionalismo: poucas lojas possuíam letreiros em inglês, as reformas islâmicas iam triunfando, o álcool foi proibido, pessoas eram açoitadas em praças públicas por consumirem bebidas alcoólicas, a maioria dos cinemas foram incendiados ao longo da revolução por manifestantes islâmicos. Na televisão e no rádio era transmitido que o governo estava cumprindo o que prometeu: setenta mil estrangeiros bem como executivos americanos e europeus que ali viviam em luxuosas mansões, deixariam o país. Era uma mistura de Bagdá e Los Angeles que estava voltando as suas raízes que foram concretizadas em 1979.

A Revolução islâmica inspirou outros movimentos fundamentalistas islâmicos, como por exemplo a comunidade xiita no Líbano, enviando ativistas para estabelecer de fato um movimento revolucionário islâmico. O tão conhecido Hezbollah. O grupo radical abriga radicais com influências do aiatolá Khomeini, refuta o imperialismo ocidental no Líbano e almeja expulsar as forças israelenses do território libanês, conflito que dura de 1990 até hoje.⁴⁴

É assim então, que o fundamentalismo islâmico surge: da influência ocidental em países muçulmanos. Como vimos, a presença de ideais ocidentais trouxe mudanças significativas em nações como Egito, Arábia Saudita, Afeganistão e principalmente Irã, que tem sérias implicações até hoje. Os primeiros fundamentalistas buscavam a “reislamização” da própria comunidade muçulmana, buscando um diálogo com sua liderança para transformação da sociedade. Entretanto, novos grupos foram surgindo e cada um apresentava uma ideia distinta de mudança onde estava localizado. Fosse ela mais flexível ou radical.

Os movimentos fundamentalistas islâmicos se diferenciaram devido às percepções das necessidades dos diferentes países que experimentavam a ocidentalização.

⁴³ALI, Tariq. *Confronto de Fundamentalismos*. São Paulo: Records: 2002, p.187.

⁴⁴PEREIRA, Wesley, Robert. *Hezbollah*. Revista Conjuntura Internacional, vol 13, Puc-Minas, 2016.

Os moderados advogam a reislamização pela base (pregação, dimensão caritativa e social), mantendo, contudo, pressão sobre os dirigentes para que estes promovam as transformações pretendidas aplicação da *shariah* na legislação: é a concepção dos fundadores dos atuais movimentos fundamentalistas - Hassan al-Banna e Abul Ala Maududi.⁴⁵ E essa divisão fez com que alguns grupos islâmicos se tornassem mais radicais que outros, mas com a mesma origem de pensamento, demonstrando seu desejo de distanciamento dos princípios modernos que estavam calcados principalmente na nova ordem econômica e que dilacerou as economias árabes, como entende Pereira:

Daí, a queixa fundamentalista muçulmana contra a Modernidade ocidental: incompreensão religiosa e manipulação política; abertura ao Ocidente paga com uma dependência econômica sempre crescente a caminho da pauperização extrema; o chamado auxílio econômico para o desenvolvimento converte-se em proveito do Ocidente; identificação da presença do Ocidente com a perda de identidade, da cultura, dos valores e das normas do Islão; apoio a déspotas na maior parte dos casos sob o lábaro da democracia ocidental; introdução de uma Modernidade secularizadora contra o sentir religioso muçulmano; apoio a Israel interpretado como guerra aberta contra o Islão, pois decisões políticas são decisões religiosas.⁴⁶

O Ocidente se aproveitou dos países islâmicos, as ideias ocidentais em Israel foram aceitas, o que fez as nações árabes considerarem o país um inimigo que fazia o que o Ocidente mandava. Não só Israel, mas outro exemplo, não menos importante, no fim da Primeira Guerra a Turquia simpatizou com os ideais democráticos em 1947 se destacando no mundo muçulmano e se tornando um Estado soberano dentro dos parâmetros europeus. Houve milhares de armênios e curdos mortos para isso acontecer. Hoje é o país “mais ocidentalizado” do Oriente Médio. Acolheu os princípios modernos, estendeu o tapete para os países ocidentais e até hoje tenta ingressar na União Europeia, sendo interpretado como uma ameaça à “integridade cultural europeia”.

Podemos identificar então, como o pensamento europeu e americano ajudaram a definir o mundo muçulmano e a identidade fundamentalista islâmica, de modo que implicaram até os dias atuais a forma como as sociedades têm visto esse Outro. A globalização, que permitiu e vem permitindo uma maior interação entre os povos, de modo feliz, viabilizou a formação de mais opiniões críticas a respeito do que é informado. O mundo muçulmano tem sido descoberto por viajantes, acadêmicos, estudiosos e

⁴⁵ PINTO, Maria do Céu Ferreira. *O Fundamentalismo Islâmico*. Revista Nação e Defesa, vol. 79, 1996, p.121.

⁴⁶ PEREIRA Miguel Baptista. *Modernidade, Fundamentalismo e Pós-Modernidade*. Revista Filosófica de Coimbra, 1992, p.245.

curiosos, sido descoberto da maneira como ele é. Culturas diferentes exigem respeito entre pessoas diferentes. O respeito e a tolerância que não foi apresentada pelos países ocidentais, que se julgam politicamente corretos. De fato, politicamente agem de maneira que aos olhos ocidentais são corretas.

Com uma estratégia política, os países ocidentais agem diante dos fundamentalistas islâmicos radicais de maneira agressiva, instigando a intolerância que é ativamente marcante no mundo moderno. Pereira argumenta que “o mundo contemporâneo é percorrido por vagas persistentes de intolerância, de fanatismo, de nova religiosidade sectária e de nacionalismo agressivo em pleno contraste com as exigências de secularização, de liberdade, de crítica, de tolerância da razão moderna”.⁴⁷ Os fundamentalistas islâmicos podem ser rotulados de fanáticos, loucos entre outros. Contudo, a tolerância da razão moderna que o autor diz ser uma exigência da secularização, não é nem de longe presente entre as sociedades ocidentais. Veremos no capítulo a seguir, a direta associação da religião islâmica com o terrorismo que é disseminado pelos países e usado por eles como lhes convém.

⁴⁷ PEREIRA Miguel Baptista. *Modernidade, Fundamentalismo e Pós-Modernidade*. Revista Filosófica de Coimbra, 1992, p.206.

2.A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FUNDAMENTALISTA ISLÂMICA PELO OCIDENTE NA CONTEMPORANEIDADE.

Não é difícil perceber a dimensão que o fundamentalismo islâmico tomou hoje. “A vaga de fundamentalismo islâmico tornou-se hoje um fenômeno internacional que semeia nos cinco continentes a revolta contra a Modernidade”.⁴⁸ Os grupos fundamentalistas islâmicos estão no centro das discussões sobre segurança internacional, não apenas devido aos ataques terroristas, mas alguns governos estão perdendo força diante de uma ideia de domínio tomado pela força dos grupos para instauração de um Estado Islâmico, como é o caso da Síria hoje. A facilidade de tomar conhecimento, muitas vezes até em tempo real, das ações violentas dos grupos terroristas ao redor do mundo é uma consequência da globalização e da Sociedade da Informação.

Os meios de comunicação são o veículo de parte desse conhecimento e são considerados pelos fundamentalistas radicais um instrumento de disseminação da violência com a qual atuam. Mas na maior parte das vezes a informação por parte da mídia internacional tem selecionado o que reproduzir nas sociedades ocidentais. Pretendemos explicar como a identidade fundamentalista islâmica é retratada pelo Ocidente nos dias atuais, que não é muito diferente do que tem sido mostrado. Se “a relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variados de uma complexa hegemonia”.⁴⁹ Essa relação de poder do Ocidente em relação ao Oriente, especificamente sobre a identidade fundamentalista é em grande parte colocada através da mídia internacional, com os meios de comunicação que constituem uma forma mais rápida e mais acessível das sociedades terem conhecimento umas das outras. Assim, concordamos que:

O atual crescimento do fundamentalismo é reforçado pela manipulação das informações que acaba levando as pessoas a saberem cada vez menos. Na grande mídia ocidental um determinado fato nunca chega às pessoas na sua originalidade. Normalmente a notícia passa pelos “filtros” da ideologia do poder neoliberal dominante e chega ao público de forma maquiada e distorcida. Com relação ao mundo islâmico isso é muito claro. Para a mídia dominada pelo império neoliberal, capitaneada pelos interesses dos Estados Unidos, todo muçumano é um homem bomba, terrorista perigoso. Não se distingue os extremistas do resto da população islâmica, normalmente pacifista. Não se é capaz de dizer que os extremistas islâmicos são, na verdade, pessoas que

⁴⁸ PEREIRA Miguel Baptista. *Modernidade, Fundamentalismo e Pós-Modernidade*. Revista Filosófica de Coimbra, 1992, p.247.

⁴⁹ SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.17.

escolheram essa forma de luta contra as ingerências também violentíssimas e injustas dos países ricos nessas nações.⁵⁰

Não podemos negar a antiga influência ocidental nos países orientais, quando estes sofrem consequências até hoje. Seria ingenuidade da parte das pessoas acreditar que a situação do Oriente Médio hoje é produto de conflitos que só dizem respeito aos países muçulmanos e que pouco tem a ver em como a Comunidade Internacional e o Ocidente percebem essa região, como esclarece Mamede:

Cada um dos países do Oriente médio, em sua grande maioria de etnia árabe e de religião islâmica, foi formado como produtos da modernidade e do impacto de pressões externas, desde as colonizações até hoje. Acredita que é ilusão pensar que o contexto interno, a opinião pública e o sistema internacional não impactam diretamente em seus governos.⁵¹

A forma urgente de reprovação ocidental aos fundamentalistas islâmicos retratada pela mídia transfere essa ideia de fanatismo para todo o mundo árabe, contribuindo assim, para construção da identidade dele nos dias atuais. O que se sabe da relação entre Ocidente e mundo árabe hoje é de um território completamente deficiente onde reina o extremismo religioso, e este último deve ser combatido. É importante ter em mente que as atitudes ocidentais em relação ao fundamentalismo islâmico e tudo o que for relacionado a ele, que vão construir essa identidade, traz uma série de controvérsias.

Nesse sentido, consideramos que fazem parte das reais ações que demonstram essa construção por parte do Ocidente, a questão que mais está ligada a religião islâmica hoje: o terrorismo. As posturas americanas e europeias que tratam enfaticamente do combate ao terrorismo é uma característica que já faz parte identidade fundamentalista islâmica. A questão é que essa identidade fundamentalista é a lente com a qual o Ocidente passou a ver todo o mundo muçulmano. E a partir disso, consequências surgem em ambos os lados, dos ocidentais e dos muçulmanos. Já que o terrorismo é uma tática da maior parte dos grupos fundamentalistas radicais hoje e está presente nos países islâmicos. Não é nosso propósito analisar como atuam os grupos radicais, mas é necessário conhecer seus feitos e as reações ocidentais a eles.

O terrorismo é um fato antigo, mas, reconhecemos que hoje é uma forma de agressão a nível transnacional de maneira que jamais foi vista antes, sendo associada a

⁵⁰ OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Riscos atuais do Fundamentalismo Religioso*. 2008, p.2 Disponível em: <<https://www.ucb.br/sites/000/14/Fundamentalismo.pdf>> Acesso em 22 Out 2016.

⁵¹MAMEDE, Anna Paula Ribeiro Araujo. *O Oriente Médio nas Relações Internacionais*. Revista Conjuntura Internacional PUC-Minas. 2010. Disponível em: <http://www.pucminas.com.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20100504163228.pdf> Acesso em 22 Out.2016.

todos os muçulmanos. Consideramos o terrorismo como uma reação ao mundo secular ou à ameaça ocidental, e que é difundido em várias partes do mundo pelos radicais, inclusive fortemente ativo nas nações muçulmanas.

A globalização tornou possível tal situação. A facilidade e a rapidez de cruzar as fronteiras, bem como as conexões em rede favorecem os grupos radicais possuírem redes de células terroristas e atuarem tanto em conjunto como sozinhos. Porém, Boff compara a globalização com “globocolonização”, como uma nova face do colonialismo, apresentando algumas consequências da mesma:

[...]o processo de globalização, significa também, em muitos aspectos, globocolonização, nivelamento das diferenças e ameaça das singularidades culturais. Ora, as religiões são, ingredientes poderosos na construção da identidade dos povos. Quando se sentem ameaçadas [...] se agarram a religião para se auto-firmar. Daí emergem exclusões e violências contra aqueles que os ameaçam. Explode o terrorismo como forma de autodefesa e contra-ofensiva [...] utilizando meios altamente destruidores. Este caso é mais frequente nas nações islâmicas, submetidas maciçamente a processos de modernização e ocidentalização.⁵²

Se a modernidade acentua as diferenças, a globalização torna elas expostas ao resto do mundo. Esse fenômeno é parte da estratégia de outros grupos fundamentalistas, não só os islâmicos, visto como uma forma de autodefesa. Contudo, o fundamentalismo islâmico tomou uma proporção que gerou um sentimento global de ameaça devido ao seu caráter independente e descentralizado. Atualmente, o terrorismo está constantemente presente nas relações internacionais, bem como a disponibilidade de armamentos, a mobilidade internacional de recursos, a rápida comunicação e o desgosto dos cidadãos com os seus governos ou com as políticas externas dos outros países que acabam afetando os seus cidadãos em suas vidas diárias.⁵³ É a marca do fundamentalismo islâmico hoje que é usada pelo Ocidente para ter domínio mais uma vez sobre os povos árabes e desgastar a imagem do mundo e povo muçulmano.

Uma das formas de causar choque em grande impacto são os atentados em lugares públicos, que atinjam o maior número de pessoas. Esses atentados terroristas marcaram a história de vários países, ocidentais e muçulmanos nos últimos anos, afetando diretamente a identidade do mundo muçulmano. Existe uma diversidade de conceitos de terrorismo que são estudados e analisados dentro das relações internacionais, como por exemplo, o terrorismo de Estado. E, Segundo Colombo, o trabalho de conceituar terrorismo não é

⁵² BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo. Fundamentalismo. A globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, p.35-36.

⁵³ HOBBSAWM, Eric. *Globalização, Democracia e terrorismo*. Trad. José Viegas Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

simples, pois, “há uma dificuldade em distinguir-se a força e a violência, separando uma racionalidade da violência dos governos de um lado, e a irracionalidade da violência individual contra aqueles, por outro lado”⁵⁴. Acrescentando Souza Júnior, que o conceito engloba, a partir daquele que está definindo, o propósito, o alvo, o método e o próprio ator que comete o terrorismo.⁵⁵

Sem falar nos tipos de terrorismo, e que não nos ateremos a isso, mas como exemplo, as intervenções e apoio a governos violentos pelos Estados são consideradas uma “violência racional, ou “estratégia política” quando as ações violentas dos extremistas são irracionais e vindas de fanáticos. Se tratando de como o Ocidente vê o terrorismo relacionado ao Islã, ainda há a dificuldade de um consenso internacional do conceito de terrorismo até mesmo da Organização das Nações Unidas (ONU) que se caracteriza, em teoria, como uma organização imparcial que visa em primeira instância, alcançar a paz e segurança internacionais. Colombo assim nos ajuda a entender que:

o terrorismo não se refere apenas a uma forma especial de violência, mas é usado como um termo político pejorativo ao expressar a condenação moral em discursos oficiais, sendo que os envolvidos no debate sobre sua conceituação moldam o termo de uma forma que ele se adapte às suas necessidades. Ou seja, as definições existentes tendem a refletir os interesses políticos e o julgamento moral de quem define. A construção de uma estratégia, tanto nacional quanto internacional na luta contra o terrorismo, seria, então, um objetivo difícil de alcançar pela falta de perspectivas sociais e políticas comuns entre os diversos atores no sistema internacional.⁵⁶

Assim, o conceito de terrorismo será definido pelos países ou instituições, de acordo com o que lhes convém, para alcançar fins específicos, seja condenar ou justificar ações. Contudo, a ONU reconheceu o tema como problema de segurança internacional, estabeleceu inúmeras convenções e resoluções para tentar um consenso entre os Estados, chegando até a autorizar o uso da força para combater o terrorismo.⁵⁷ Se tratando dos Estados, eles não medem esforços ao abordar o terrorismo ou medidas internacionais para

⁵⁴ COLOMBO, Letícia dos Santos. *Terrorismo: Lacunas conceituais no Sistema Internacional* - Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP/Marília. Ed 16, 2015, p.42 Disponível em:<www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/download/5589/383> Acesso em 14 Set. 2016.

⁵⁵ FRIZZERA, Guilherme; SOUZA JÚNIOR, José Maria de. *Tipificando o Terrorismo no Congresso Brasileiro: os projetos de lei e literatura acadêmica*. BJIR, Marília, v. 4, n. 1, 2015, p.116.

⁵⁶ COLOMBO, Letícia dos Santos. *Terrorismo: Lacunas conceituais no Sistema Internacional*. Revista LEVS/UNESP-Marília|Ano Ed 16, 2015, p. 63.

⁵⁷ Segundo a Organização das Nações Unidas houve um esforço internacional para conter esta onda mortal, e foi lançada a Estratégia Antiterrorista Global da ONU que define uma série de medidas específicas para combater o terrorismo em todas suas vertentes, em nível nacional, regional e internacional. Considerando que terrorismo são “atos criminosos pretendidos ou calculados para provocar um estado de terror no público em geral, num grupo de pessoas ou em indivíduos para fins políticos são injustificáveis em qualquer circunstância, independentemente das considerações de ordem política, filosófica, ideológica, racial, étnica, religiosa ou de qualquer outra natureza que possam ser invocadas para justificá-los.” Disponível em:<<https://nacoesunidas.org/acao/terrorismo/>> Acesso em 24 Out. 2016.

segurança. Esforços que geram ainda mais conflitos com invasões e intervenções justificadas como “medidas necessárias para alcançar a paz”.

Consideramos que o fenômeno é extremamente violento e causador de dor. Mas, tais medidas fazem a Comunidade Internacional olhar para os fundamentalistas e o mundo muçulmano de forma diferente, desconfiada, como ameaça. E o fato do terrorismo estar diretamente relacionado ao Islã, afeta diretamente a identidade dos povos muçulmanos bem como os ocidentais os vêem e posteriormente vão se relacionar com eles. Embora uma grande parte não queira sequer um mínimo contato.

É a primeira característica que o Ocidente descreve para ter domínio sobre o mundo muçulmano hoje: o terrorismo. Como no passado, ao Ocidente tomar partido sobre temas relacionados ao Oriente hoje, seja qual for a sua forma, até mesmo o descrevendo, se torna um tipo de dominação. Apontando Said que o olhar ocidental para o Oriente:

pode ser discutido e analisado como a instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente.⁵⁸

Os ataques terroristas em si, desde seu reavivamento no século XXI não significam uma porcentagem muito grande de mortes à nível mundial em relação a outros tipos de mortes comuns. Enquanto o terrorismo como uma forma de violência tem um grande impacto [...] sobre as sociedades que o experimentaram, existem outras formas de violência como os grandes conflitos armados que resultaram em mais mortes que aquelas causadas por terrorismo em 2015, bem como destruiu as economias dos países em conflito. Segundo o Global Peace Index⁵⁹, a taxa global de homicídios é 15 vezes a taxa de mortalidade por terrorismo.⁶⁰ Mas a forma como ele acontece resulta primeiramente

⁵⁸ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.15.

⁵⁹ Realizado pelo Instituto para Economia e Paz que é um grupo independente, apartidário, sem fins lucrativos dedicado a mudar o foco de Paz como um positivo, realizável e tangível medida de bem-estar humano e o progresso do mundo; o IEP atinge seus objetivos desenvolvendo novos quadros conceituais para definir paz; fornecendo métricas para medição de paz; e descobrindo as relações entre empresas, a paz e a prosperidade, bem como promover uma melhor compreensão dos fatores culturais, econômicos e políticos que criam paz. Disponível em :<www.economicsandpeace.org>.

⁶⁰ Quarta edição do Índice de Terrorismo Global que fornece um resumo abrangente das principais tendências globais e padrões em terrorismo nos últimos 16 anos, cobrindo o período desde o início de 2000 ao final de 2015. Produzido pelo Instituto para Economia e Paz, o GTI é baseado em dados do Banco de Terrorismo Global que são coletados e agrupados pelo Consórcio Nacional para o Estudo e Respostas para o Terrorismo (START), um departamento do Centro de Segurança de Excelência de Homeland liderado pela Universidade de Maryland. O banco de dados Global do terrorismo é considerado globalmente como o conjunto de dados mais completo sobre a atividade terrorista e codificou agora mais 150.000 incidentes terroristas.

em choque, sentimentos constantes de medo fazendo com que as populações se sintam ameaçadas diante de uma única mensagem: “Odiamos o Ocidente, não compactuamos com suas ideias e dizimamos qualquer elemento que interferirem nossa jornada missionária a levar o Islã a todas as nações, incluindo o extermínio aos infiéis”. Essa mensagem, geralmente é confundida com todo o mundo muçulmano e não representa o Islã, além de ser tragicamente demonstrada através de execuções, aniquilações em massa, explosões e atentados públicos.

Tais ataques, carregam um significado de que o mundo árabe é mergulhado em conflitos. Os conflitos nos países islâmicos eram inegáveis no século XX, como vimos, os fundamentalistas islâmicos começaram a atuar em seus próprios países, e as formas de violência não eram mais brandas que as atuais. Assim, quando começaram a atuar dentro das sociedades ocidentais de maneira constante disseminando a mensagem de ódio e aversão ao Ocidente com ações violentas, a Comunidade Internacional voltou sua atenção para esse fenômeno numa tentativa de consertar a consequência da rachadura no mundo islâmico que eles mesmo provocaram. Consertar com mais violência?

2.2 A mídia internacional como difusora da identidade fundamentalista islâmica atual

Uma das primeiras ações onde os olhos do Ocidente se voltaram para o mundo árabe com “preocupação” foi iniciada pelos Estados Unidos. O ataque de 11 de Setembro nos mostrou que existe um movimento reacionário ao que Castells chama de “*exclusão dos que excluem pelos excluídos*”, ou seja, a construção de uma identidade defensiva nos termos das instituições/ideologias dominantes, revertendo o julgamento de valores.”⁶¹ Essa identidade defensiva reage de forma violenta principalmente aos Estados Unidos, como Boff acrescenta:

O terrorismo moderno pode golpear o norte em seu coração, como ocorreu nos Estados Unidos. Tal situação é inédita. Pois foi quase sempre o norte que levou terror ao sul através das conquistas coloniais, da expansão imperialista e do combate feroz aos processos de independência. [...] Ele [o norte] deixou um lastro de ressentimentos e raivas históricas que podem se manifestar na vontade vindita e de elaboração de atos terroristas. Mas quais dos brancos se lembram do sofrimento histórico acumulado?⁶²

⁶¹ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Vol 2, 6ª ed, São Paulo: Paz e Terra, 1999, p.25.

⁶² BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo. A globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante. 2002, p. 34-35.

Segundo Brotas, os atentados de 11 de Setembro, “estampados nas primeiras páginas de veículos mais importantes do mundo, criaram o clima de revanche que se disseminou nos Estados Unidos e encontrou rapidamente eco na mídia. O sentimento de orgulho ferido foi amplamente propagado pelos meios”.⁶³ Desde antes dos atentados não existiu e nem existe interesse por parte da Sociedade Internacional, muito menos da mídia internacional em tratar a questão sem uma visão manipuladora. Os estereótipos dos muçulmanos criados pelos ocidentais já permeavam antes do atentado, e essa Terça-feira produzida por Bin Laden só difundiu mais essa visão. Desde então, “generalizações avassaladoras são feitas a partir de acontecimentos incidentais ou comuns, e muitos importantes jornalistas americanos e europeus abandonaram a visão sem preconceito e o pensamento independente em favor de um superpatriotismo imperial.”⁶⁴

Muito mais que nos países ocidentais, hoje os países islâmicos sofrem ataques terroristas diariamente e com números elevados de morte muito mais avassaladoras que qualquer atentado público em Paris ou Istanbul. Dos 20 países menos pacíficos do mundo hoje, 14 são países islâmicos que estão em conflito ou são constantemente vítimas de ataques de extremistas.⁶⁵ Existe uma mobilização internacional de combate ao terrorismo e as sociedades externam seus sentimentos de condolências quando atentados acontecem. Esse sentimento de preocupação por conta das mortes causadas por terrorismo não se dá quando orientais, árabes ou muçulmanos morrem pela mesma causa. Há a solidariedade entre os próprios muçulmanos, não do Ocidente para com eles.

Imaginamos um mundo árabe que é percebido pelos principais jornais do mundo descrevendo sua religião que significa terrorismo, gerando desconfiança entre os que não têm conhecimento da criando dificuldade de qualquer iniciativa de interação com não-muçulmanos. A contribuição do ocidente para desenvolver essa identidade é imensa e grande parte dela vem da mídia ocidental. Ainda que essa identidade não represente todo o mundo árabe, ela se dá por causa das percepções ocidentais quando ocorrem ações radicais em seus países e ao redor do mundo. Mas a mídia é a única culpada?

A teoria da agenda-setting ou estabelecimento de agendas, traz uma contribuição ao tratar essa questão. Essa teoria diz que a mídia não vai persuadir diretamente o

⁶³ BROTAS, Antonio. *Guerra e Terrorismo: os diferentes discursos e enquadramentos da mídia*. Intercom. Rio de Janeiro, 2005, p.3 Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0062-2.pdf>> Acesso em 22 Out. 2016.

⁶⁴ ALI, Tariq. *Confronto de Fundamentalismos*. São Paulo: Records, 2002, p. 355.

⁶⁵ Global Peace Index 2016 Report, Institute for Economics and Peace, 2016.

público⁶⁶ com o que publica, mas, segundo o autor da teoria McCombs, a mídia tem a capacidade de definir uma agenda para chamar atenção pública para alguma questão, definindo temas que vão ser discutidos, refletidos pelo público regularmente. Os assuntos que a mídia irá tratar serão os que as sociedades vão tomar por base para formular suas opiniões. Como Wolf *apud* Arrais explica que:

a imprensa pode não conseguir, na maior parte do tempo, dizer às pessoas o que pensar, por outro lado, ela se encontra surpreendentemente em condições de dizer aos próprios leitores sobre quais temas pensar alguma coisa [...] em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público é ciente ou ignora, dá atenção ou descuida, enfatiza ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas tendem a incluir ou excluir dos próprios conhecimentos o que a mídia inclui ou exclui do próprio conteúdo.⁶⁷

McCombs assim, argumenta que “grande parte daquilo que sabemos sobre acontecimentos mundiais, está baseado no que os meios de comunicação decidem nos apresentar”. Continua ainda que, “o resultado dessa visão da mídia é formulado pelas prioridades nos meios de comunicação, que influenciam fortemente a opinião pública”.⁶⁸ O que mais continuou a ser reportado nos quatro cantos do mundo depois da queda das torres gêmeas?

Nesse sentido, podemos considerar que a mídia é vista como um instrumento importante ao enfatizar incansavelmente as coberturas de ataques terroristas, principalmente quando ocorrem em países ocidentais. O que não acontece quando países periféricos são alvos de ataque, não da forma urgente que a mídia ocidental apresenta, e que muitas vezes são devastadores.⁶⁹ Então, a própria mídia internacional também se encarrega de relacionar o Islã ao terrorismo causando pessimismo por parte dos não-muçulmanos e desgaste constante da imagem islâmica. Os atos terroristas em si, não representam a religião; entretanto, o Ocidente faz questão de os relacionar.

A visão do Islã “que emerge dos jornais e da televisão é muito de uma dura, descompromissada fé cujos adeptos vão recorrer à violência em defesa de seus princípios

⁶⁶ ARRAIS, César Henrique. *A Mídia nas Relações Internacionais*. Aproximações Epistemológicas. Brasília. 2014.

⁶⁷ Ibidem WOLF *apud* ARRAIS, p.15.

⁶⁸ MCCOMBS, MaxWell. The Agenda-Setting Role of Mass Media in the Shapping of Public Opinion. Disponível em:< http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/mccombs01.pdf> Acesso em: 19 Set. 2016.

⁶⁹ Como por exemplo a ataque do Al-Shabab no leste do Quênia ao executar pouco mais de 150 estudantes cristãos na Universidade de Garissa em Abril de 2015 onde não houve nenhum tipo de manifestação da opinião pública internacional. Disponível em:< http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/02/internacional/1427960494_039424.html> Acesso em 24 Out. 2016.

ou para impor sua vontade aos outros”.⁷⁰ A visão ocidental, colocada pelas elites europeias, hoje se dá enfaticamente pelos Estados Unidos como afirma Said:

A visão do oriente foi gerada de uma aproximação particular entre a Inglaterra e a França e o Oriente, do século XIX até o final da Guerra Fria, a França e a Inglaterra dominaram o Oriente e dominaram sobre a visão dele. Desde a Segunda Guerra os Estados Unidos têm domínio sobre o Oriente.⁷¹

A Comunidade Internacional dá total atenção às ações dos grupos fundamentalistas que praticam atos terroristas. É um fenômeno que causa medo. Explosões em pontos estratégicos, aniquilações em massa e homens-bomba trazem preocupação por conta da série de mortes e consequências que serão exploradas mais à frente. Muito do pensamento de que “todo muçulmano é terrorista” foi reforçada após os Estados Unidos experimentarem a ofensiva. Quando os Estados Unidos sofreram o atentado de 11 de Setembro em 2001, declarou-se uma “guerra global contra o terror”, com apoio da União Europeia demonstrando ao mundo que o combate ao terrorismo seria agora uma prioridade da segurança internacional.

Primeiramente, a consciência de que o mundo estaria em alerta partiu dos Estados Unidos, e essa consciência foi sendo absorvida pela população americana de modo que também passaram a se preocupar não com o que estava ocorrendo nos países islâmicos, não com a forma que Ocidente estava atuando nos países islâmicos, “o governo criou a sensação de insegurança na população, colocando o fundamentalismo islâmico como inimigo, principalmente, por meio da mídia, como as redes de televisão CNN e o jornal The Washington Post, transmitindo acontecimentos sob o título “America at War”.⁷² Devido às inúmeras intervenções e à própria posição militar estadunidense hoje, os Estados Unidos não são a escolha preferida dos islâmicos radicais de modo aleatório, e não são vítimas apenas cidadãos de países ocidentais, explica Ali:

Os fundamentalistas religiosos não escolhem os Estados Unidos para tratamento especial por outro motivo além de seu poder hegemônico. Eles aplicam o mesmo critério restritivo a outras sociedades. Para os islamitas, nenhum dos governantes dos Estados muçulmanos atuais é “verdadeiramente” muçulmano. Nenhum. Daí a luta para mudar os regimes existentes e substituí-los por emirados santos.⁷³

⁷⁰ RUTHVEN, Malis, *Islam: A Very Short Introduction*, Oxford University Press, 1997, p 1.

⁷¹ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.16.

⁷² SANTOS, Natalia dos. *A influência da mídia norte americana na islamofobia: análise das notícias da rede de TV Fox News*. ESPM-Sul. São Paulo, 2015.

⁷³ ALI, Tariq. *Confronto de Fundamentalismos* São Paulo: Records, 2008, p.357.

Os fundamentalistas possuem como alvo os Estados Unidos, a Europa, o Ocidente como um todo, mas também estão insatisfeitos com a forma que os seus próprios Estados se relacionam com os outros Estados ocidentais. Então, partir dessa nova postura de política externa denominada “guerra contra o terror”, a postura do ocidente em relação a esses grupos vem sendo enfatizada, novas resoluções no Conselho de Segurança das Nações Unidas são feitas, intervenções militares em função de enfraquecer os grupos radicais, e todas essas questões geram consequências que estão afetando não só como as relações internacionais acontecem, mas afetando tudo que é ligado ao Islã. Afinal, os Estados Unidos procuravam mais uma maneira de demonstrar seu poder hegemônico. E o combate ao terrorismo seria uma chance.

Como vimos anteriormente, é impossível desconectar o Islã do terrorismo. E isso trouxe mudança na maneira como as sociedades passaram a interpretar o mundo muçulmano. O contexto muçulmano hoje é complexo e cada país possui suas particularidades, bem como suas culturas e ramificações do Islã e da interpretação da sua lei. Os fundamentalistas buscam a aplicação das leis islâmicas em sua jurisdição, de fato como norma institucional, de forma literal. Entretanto, atualmente a lei islâmica não é aplicada igualmente em todos os países, existem mais correntes da religião além da sunita e xiita, e o principal que não é explorado: a maioria dos muçulmanos reprovam as ações extremistas dos fundamentalistas islâmicos. Embora exista uma realidade mais ampla do que a que é apresentada, o Ocidente faz questão de fazer uma descrição do Islã e tudo que está ligado a ele de acordo com o que lhe convém.

Essa descrição ajuda a construir a identidade muçulmana hoje. A postura dos países dominantes constrói a identidade do outro, como também suas relações a partir delas. Isso é muito claro hoje, quando se vê, por exemplo, a inércia dos países em relação às vítimas dos conflitos civis na Síria, que morrem ou são refugiados muçulmanos como maioria. Nada é falado a respeito de suas culturas, seus estilos de vida, ou autonomia. Aliás, autonomia é uma palavra que nunca se vê na mesma frase que Oriente Médio. Pelo contrário, sanções militares ou econômicas, guerra civil, grupos insurgentes, milícias, facções anti-ocidente são palavras que estão sempre associadas às notícias do mundo islâmico.

A ênfase nessas informações vai se dar de acordo com o interesse dos Estados, as pessoas têm hoje o “privilégio” de viver num mundo globalizado, o que as fazem ter mais informações a respeito do mundo em que vivem. Contudo, o Estado irá usar seus meios para propagar sua ideologia de várias maneiras, inclusive midiática, em que as imagens

são absorvidas pelas pessoas, sejam de terror ou não.

“Um aspecto do mundo eletrônico pós-moderno é que houve um reforço dos estereótipos pelos quais o Oriente é visto. A televisão, os filmes e todos os recursos da mídia forçaram a informação para dentro de moldes cada vez mais padronizados”.⁷⁴ Esses moldes dizem respeito à forma como o Ocidente trata o Oriente, os muçulmanos e árabes, se apropriando de uma imagem já desgastada.

A imagem negativa do povo muçulmano já estava sendo colocada antes mesmo dos atentados de 11 de Setembro, mas a partir dele essa insistência Ocidental em associar o Islã-terror, ganhou força. Em seu trabalho, Évora analisou o discurso midiático do aniversário de 1 ano do acontecido em 11 de Setembro, seu estudo enfatizou a redundância dos meios de comunicação americana em informar que a “Guerra ao Terror” era agora uma prioridade de política externa americana. Em sua análise, o autor explica a estrutura discursiva de três principais jornais americanos e faz uma sequência dos títulos dos jornais desde o atentado até um ano depois, que nos traz uma mensagem de fácil compreensão:

Um ano depois... (O) Novo mundo apenas começou. (Vive-se) O dilema entre segurança e liberdade. (Ninguém sabe quais são) As próximas ameaças. (Mas, todos conhecem) O Novo Rosto do Terrorismo: A Al Qaeda – A ameaça persiste. (A) Maioria dos portugueses acha provável novo atentado aos Estados Unidos. COMO BUSH QUER PROTEGER A AMÉRICA? Estados Unidos (estão) em alerta laranja. (São tomadas) Medidas planetárias excepcionais. Onde se escondem os taliban? Onde está Bin Laden? Ussama, o homem mais procurado do mundo. BIN LADEN MUDOU A PRESIDÊNCIA DE GEORGE W; Bin Laden é herói para maioria dos Koweitianos. 11 de Setembro, o ano seguinte: Iraque será o próximo campo de batalha. A intervenção militar no Iraque será multilateral. (Mas), Clinton diz que Médio Oriente é mais urgente do que o Iraque. (Mesmo assim), “O ataque ao Iraque vai acontecer” e terá “consequências muito perigosas”. Durão aceita ataque americano ao Iraque. (É) A GUERRA GLOBAL DOS EUA CONTRA O TERROR. (Mas), Ainda não vimos nada! Uma supremacia militar única na História; As Ciências do risco foram apadrinhadas pelo 11 de Setembro. Como é um ano depois? OS ALIADOS (estão) MAIS DISTANTES. A Europa é cada vez mais fraca. Os europeus são conservadores em relação à aliança. (Por isso), “Escolhemos a ideia de potência civil para a UE”. (É) A Covardia da Europa um ano depois do 11 de Setembro. A Europa tem um interesse vital no Médio Oriente. 9/11, 11/9: Washington aprisionada; Os heróis da BD evitam passar por Manhattan; (os) Negros de Harlem não choram o 9/11; (a) Segurança nos aeroportos é um queijo “gruyère”; (a) CIA teme reorganização das células da al-Qaeda; Al-Qaeda Activa no Afeganistão – O “mulhah” sem rosto e os seus seguidores. (A) LISTA DOS “TERRORISTAS MAIS PROCURADOS” PELO FBI: Os primeiros acusados; os suspeitos em fuga; As novas organizações; Os vídeos de Osama; As próximas ameaças; A última noite; As novas organizações; A Alma perdida de Kandahar; Os quatro aviões da morte. Detidos são muitos, mas pouco importantes. Porque caíram as torres do World Trade Center? Os Falhanços dos serviços secretos: Ameaça de conspiração transformou-se em ataque. Os atentados começaram

⁷⁴ Ibidem, p.38.

a ser planeados desde 1998. (Foi a) Contagem decrescente para o 11 de Setembro. O que morreu em Manhattan? A difícil arte de ser americano. 11 de Setembro, o ano seguinte: Australianos homenageiam vítimas – (o) Mundo unido na homenagem; Bin Laden reivindica atentados. “A NATO vai sobreviver? “Musharraf está muito isolado”; ARÁBIA SAUDITA: O reino das contradições; “O Islão é um meio-termo entre a lei de Talião e o dar a outra face”; AFGANISTÃO: a luta contra o esquecimento; “Uma crise política vai rebentar na Ásia Central”; 11, dia de alto risco. Licença para matar? DO “GROUND ZERO” A KANDAHAR: A guerra no Afeganistão pode ser encarada como um êxito; Esta nossa guerra! Uma guerra à escala do planeta. (É) a morte da política... (os) Paradoxos na democracia; O efeito antes das causas. Mudamos? O quê? NO AR: Vergonha e Piedade em Nova Iorque. Viver o 11 de Setembro antes e depois do ecrã. Onde pára a certeza? Muito espectáculo, muito patriotismo e pouca informação. Histórias não contadas do dia 11 e depois... Fraquezas americanas, Um ano depois. EUA: o toque de despertar ENTRE AS TÁMARAS, BIN LADEN E MCDONALD’S DO HEZBOLLAH... A nova normalidade...Um ano depois, o que mudou na América e no Mundo? Quase tudo ou quase nada? Onze palavras sobre o 11 de Setembro. Da janela do seu quarto, Portuguesa produz filme sobre o 11 de Setembro. (Afinal, este é) O ano em que o mundo não mudou.⁷⁵

O autor adiciona, “olhando para a temática do discurso dos títulos, concluímos facilmente que a cobertura das informações de um ano dos atentados de 11 de Setembro destacou a luta global contra o terrorismo internacional e a questão da segurança internacional”.⁷⁶ Podemos ver a ênfase jornalística norte-americana em colocar o país num patamar de definidor das políticas internacionais que dizem respeito à segurança ao colocar o terrorismo (ou o Islã) como inimigo. O que levou a sociedade ocidental, a acatar toda e qualquer postura estadunidense e europeia diante do terror que começara a crescer a cada dia, sem analisar os vários “11 de Setembro” que ocorrem todos os dias nos países que os Estados Unidos e companhia financiam conflitos.

Os Estados Unidos receberam apoio ao declarar que estariam empenhados em assegurar a segurança internacional, pois “gostam de representar o papel de árbitro supremo, mas suas soluções sempre servem a seus próprios interesses”.⁷⁷ Ainda que milhares de vidas fossem colocadas em risco ou resultassem em milhares de mortos. Como ocorreu posteriormente na invasão do Iraque em 2003:

Navios americanos entraram na região [do Irã] e começaram a participar e destruir a marinha iraniana. Em um ato de terrorismo totalmente injustificado [...] Nos últimos 12 meses [da invasão do Iraque] os Estados Unidos e o Reino Unido tinham feito chover cerca de 400 toneladas de bombas e mísseis sobre o Iraque. [...] Clinton, às vésperas de uma eleição, lançou o ataque aéreo 24 horas por dia sobre o Iraque, ostensivamente para punir o regime de Bagdá pelo fracasso em cooperar com as inspeções da ONU. [...] No fim do ano as forças aéreas anglo-americanas tinham feito mais de 6.000 missões e soltado

⁷⁵ÉVORA, Silvino Lopes. *O discurso mediático sobre o terrorismo*. Santa Catarina, 2006. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/evora-silvino-discurso-mediatico-terrorismo.pdf> > Acesso em 06 Out 2016.

⁷⁶ Ibidem.

⁷⁷ ALI, Tariq. *Confronto de Fundamentalismos*. São Paulo: Records, 2008, p.351.

mais de 1.800 bombas sobre o Iraque. No início de 2001 o bombardeio do Iraque tinha durado mais do que a invasão americana no Vietnã. [...] Antes de 1990 o país tinha um PNB *per capita* de mais de 3.000 dólares. Hoje está abaixo de 500, tornando o Iraque uma das sociedades mais pobres do planeta. Uma terra que já teve altos níveis de alfabetização e um avançado sistema de saúde foi devastada pelo Ocidente. Sua estrutura social está em ruínas, a seu povo são negadas as necessidades básicas de existência, o solo está possuído por ogivas com ponta de urânio.⁷⁸

A invasão do Iraque teve absoluto apoio da população americana, e as justificativas eram as mais variadas como: “Saddam Hussein é um agressor insaciável, cuja invasão ao Kuwait foi uma violação das leis internacionais e uma ameaça à instabilidade de toda a região; nenhum vizinho ficará em segurança até que ele seja derrubado”. O Iraque possuía armas de destruição em massa, e representava um perigo jamais visto para a comunidade internacional. O mundo civilizado não poderia descansar. “Bombardeios e embargos são o único modo de fazer isso sem causar risco indevido aos nossos próprios cidadãos”.⁷⁹ A mídia fez questão de enfatizar a necessidade de invadir o Iraque e a população americana simplesmente congelou princípios cristãos ou de defesa aos Direitos Humanos em prol de uma vaidade política: demonstração de poder.

Ainda sobre a atuação midiática nos acontecimentos internacionais, e não menos importante, da análise feita por Santos, concluiu-se a partir de notícias e entrevistas, que a comentarista da Fox News, durante o mesmo período, tinha o papel de deixar a população norte-americana em alerta com expressões como “Americanos não estão seguros”; “Matando especialmente americanos”; “os americanos estão há dez anos em uma guerra contra o Iraque”; “pior pesadelo” se referindo ao Paquistão e como ele poderá atingir os Estados Unidos. Foi deixada clara a ênfase na irracionalidade com que é tratado o mundo muçulmano: “No Oriente Médio a guerra nunca para”; “Oriente Médio, onde nada faz muito sentido”; “Líderes Paquistaneses são insanos”, e tudo isso com o objetivo de colocar toda população do Oriente Médio como radicais religiosos e terroristas e a região como um lugar de incessantes conflitos.⁸⁰

Mas porque toda essa ênfase em demonstrar e ter domínio sobre o Oriente médio? Seria apenas demonstração de poder? Ainda se pergunta, não seria o Oriente Médio um

⁷⁸ Ibidem, p.197-205.

⁷⁹ Ibidem, p.207.

⁸⁰ As expressões originais são: “Americans are not safe”; “Killing specially Americans”; “the americans are ten years ago in war against Iraq”; “Worst nightmare”; “In the Meddle East the war never stop”; “Middle East, where nothing makes much sense”; “Pakistans lidere are insane”. SANTOS, Natalia dos. *A influência da mídia norte americana na islamofobia: análise das notícias da rede de TV Fox News*. ESPM-Sul São Paulo, 2015.

continente dilacerado? Porque então continua todo esse interesse “onde nada faz sentido”? Segundo Said, parece que o petróleo ainda faz sentido:

Não é preciso lembrar a ninguém que o petróleo, a maior fonte de recursos da região, foi totalmente absorvido pela economia dos Estados Unidos. Com isso eu quero dizer não só que as grandes companhias petrolíferas são controladas pelo sistema econômico americano; quero dizer também que as rendas do petróleo árabe, para não falar da distribuição, das pesquisas e da administração industrial, estão baseadas nos Estados Unidos. Isso fez efetivamente dos países árabes ricos em petróleo enormes consumidores das exportações americanas: isso vale tanto para os estados do golfo Pérsico quanto para a Líbia, o Iraque e a Argélia – todos estados radicais.⁸¹

O Oriente Médio começa a ficar interessante quando o Ocidente percebe que ainda dá para explorar mais, principalmente os Estados Unidos que tomam a região mais vulnerável do planeta para explorar seus recursos naturais e financiar conflitos gerando consequências que são vistas em todo mundo. Os fortes sobre os fracos? Que ironia do destino: fundamentalismo islâmico.

Moreira Jr. ainda nos explica que “o controle político da região do Oriente Médio é a questão-chave para o domínio hegemônico dos Estados Unidos no Sistema Internacional”, e acrescenta: “possui grandes reservas de recursos naturais, petróleo, além do posicionamento geopolítico estratégico na contenção de possíveis potências desafiantes como Rússia, China, Índia, Irã e a própria Europa Ocidental.”⁸² Concordando com Zahreddine:

Grande parte do interesse do ocidente em relação ao mundo árabe é devido a vantagens estratégicas. Estas vantagens estratégicas relacionam-se ao espaço geográfico privilegiado em que se encontram os países árabes, isto é, um ponto de passagem terrestre e marítima, através do qual pode-se controlar a maioria dos fluxos comerciais e militares pelo mar e pela terra, entre o Ocidente e o Oriente.⁸³

As questões estratégicas fazem parte da política americana em demonstração de poder sobre o Oriente Médio, a região é privilegiada e não só em petróleo, a geopolítica atrai as grandes potências a formarem suas rotas comerciais para acessar os mercados de maneira mais rápida.

Assim, vimos que a identidade fundamentalista islâmica foi colocada de maneira mais dramática no Ocidente quando começaram a ocorrer os ataques nas sociedades

⁸¹ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.329.

⁸² MOREIRA JR, Hermes. *O Terrorismo islâmico internacional: “Efeito colateral” da ordem hegemônica norte-americana*. 2010.

⁸³ ZAHREDDINE, Danny. *A Segunda Guerra do Golfo e a unidade Árabe*. Análise Segurança. 2003.

européias, e a mídia sendo uma mensageira dos estereótipos, exercendo influência sobre o tema que as populações vão tratar. Especificamente percebemos a maneira pela qual o 11 de Setembro contribuiu como uma forma de colocar o terrorismo no âmbito da política internacional. Os Estados Unidos, em seu poderio militar e econômico, conceituam o termo para que suas ações de intervenções sejam justificadas como “medidas para alcançar a paz”. Hoje, grandes conflitos continuam nos países de maioria muçulmana, e hoje especificamente no Oriente Médio, a guerra civil Síria tem estado na pauta das resoluções do Conselho de Segurança da ONU, devido à atuação não só de extremistas independentes, mas principalmente às ações do grupo atuante na maior parte do país: o Estado Islâmico.

Esse reforço ocidental em tratar a questão do Oriente Médio, o mundo muçulmano e o terrorismo dá lugar para que eles possam se inserir nos conflitos internacionais como interventores que buscam a paz, mas que suas ações apenas deixam o cenário mais sangrento. As consequências não são insignificantes e geraram mais um problema na questão identitária, migratória, securitária e principalmente social em todo o mundo. As reações ao fundamentalismo islâmico são questões delicadas, envolvem políticas públicas e afetam as relações com os muçulmanos em sociedades ocidentais.

3.CONTRA-REAÇÕES AO FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO

Se o fundamentalismo islâmico é uma reação à modernidade, a islamofobia e a xenofobia, bem como outras consequências, é uma reação ao fundamentalismo e às associações que são feitas a ele. Como já apresentado, os países dominantes constroem um tipo de identidade do mundo muçulmano a partir do que lhes condiz. Neste capítulo, trataremos alguns efeitos dessa visão construída, que estão gerando crises nos países ocidentais. Essas crises permeiam em torno de identidades, culturas e segurança.

Uma série de ações mostram reações ocidentais dessa identidade fundamentalista islâmica associada ao povo muçulmano, e é sobre isso que esse capítulo irá tratar. Se a identidade muçulmana é confundida com a identidade fundamentalista no ocidente, quem são afetados em todo o contexto, são os muçulmanos – os fiéis. Não são fundamentalistas, mas sofrem o mesmo tipo de rejeição em países ocidentais. A União Europeia é um exemplo. Há uma crescente discussão identitária na União Europeia hoje que influencia decisões políticas e econômicas.⁸⁴ Essa discussão tem tomado espaço devido ao grande fluxo migratório para a Europa que resultou em concentrações de diferentes minorias étnicas. Controle de fronteiras, restrições quanto às vestes femininas e objetos culturais, controle de imigração, estereótipos.

Todo esse contexto aqui representado, gera uma aversão ao Islã: islamofobia. Se os Estados Unidos reforçam tanto a ideia de islã associado ao terror e de prioridade de segurança internacional, a Europa expõe o argumento de “integridade nacional/cultural”. Existe mais um debate dentro das questões sociais europeias – o multiculturalismo. Terra explica o conceito de multiculturalismo como:

a tolerância e o respeito pela diversidade e a diferença de identidades culturais, consequentemente de identidades nacionais. Este aspecto é defendido pela União Europeia, entretanto, os movimentos xenófobos e a resistência para com outras etnias e culturas dentro da U.E. são perceptíveis, tornando possível o questionamento acerca da consolidação do multiculturalismo em seu território, e até mesmo de uma identidade comum da União Europeia.⁸⁵

Embora o multiculturalismo esteja presente na literatura do que a União Europeia projeta ser, de que o respeito às diferenças traria uma diminuição da intolerância e resultaria em uma sociedade mais unificada e consequentemente uma identidade mais unificada. O que não acontece. Pelo contrário, as diferenças acabaram gerando mais

⁸⁴ TERRA, Débora Bottaro Costa. *Velho Continente, Nova Identidade: As possibilidades de construção de uma Identidade da União Européia*. 2008.

⁸⁵ *Ibidem*, p.19.

intolerância e o respeito só existe entre os europeus. Trataremos a seguir, algumas reações devido à associação do fundamentalismo islâmico ao mundo muçulmano e à religião Islâmica.

3.1 Efeito 1 – Crescimento da islamofobia nos partidos políticos europeus de extrema-direita.

A palavra “islamofobia” está cada vez mais presente nos partidos políticos europeus devido o preconceito contra a presença muçulmana em países ocidentais, e nomeadamente na União Europeia”.⁸⁶ Os partidos de representação da extrema-direita da Áustria, Bélgica, Dinamarca, França, Grã-Bretanha, Holanda e Itália têm expressado sua profunda angústia em ter muçulmanos presentes em seus países. Como expressa Guimarães:

Há partidos de extrema-direita e da direita populista no governo de Itália, e no parlamento da Dinamarca, Hungria, Áustria, Bulgária, Holanda, Itália e Finlândia. Estes partidos são todos muito diferentes, mas há um factor comum: uma forte posição anti-imigração e anti-islamista, principalmente nos países da Europa Ocidental (na Europa de Leste, este lugar de “outro” ainda é muito ocupado por minorias de outras etnias.⁸⁷

Todavia, esse não é um fato recente, desde a década de 80 por exemplo, os partidos franceses têm “denunciado a sua incompatibilidade com a cultura europeia”.⁸⁸ Isso gerou uma nova percepção tanto dos muçulmanos quanto da própria religião islâmica, sendo vista como uma ameaça para os nacionais.

Ao ficar em favor da ilegalização de mesquitas por exemplo, é uma demonstração de islamofobia, e é idealizada pelo Le Pen⁸⁹, com a justificativa de que as mesquitas “ameaçam a identidade cristã do país”.⁹⁰ Essas ideias, entretanto, ficaram mais sólidas também, a partir do 11 de Setembro passando o Islão a ser sinônimo de terrorismo, violência e morte. Mas não só com ele, a crise migratória que vem acontecendo nos últimos anos é um fato que preocupa os países europeus por conta dos imigrantes, de maioria muçulmana e tentam demonizar o Islã como um risco à identidade cultural.

⁸⁶ ZÚQUETE, José Pedro. *Novos tempos, novos ventos? A extrema-direita europeia e o Islão*. In *Análise Social*, Nº 201, Vol. XLVI, 2011, p. 653.

⁸⁷ GUIMARÃES, Maria João. *A nova extrema-direita europeia*. Portugal num mundo em mudanças – tendências político-sociais. Portugal. 2012. p.94.

⁸⁸ *Ibidem*, p.654.

⁸⁹ Representante do partido conservador de direita francês Frente Nacional.

⁹⁰ *Ibidem*, p.655.

Os partidos discriminam, por exemplo, quando passam a demonstrar em campanhas que era preciso políticas que impedissem a “islamização” da Europa.⁹¹ Assim,

um outro partido com muito sucesso com base numa forte retórica anti-imigração é a italiana Liga Norte que, com nove eurodeputados, é o partido deste grupo com maior presença no PE. No plano da política italiana, a Liga foi responsável pela lei que criminaliza a imigração ilegal e pelas medidas para afastar as embarcações com imigrantes ilegais ou potenciais requerentes de asilo antes que cheguem ao território italiano.⁹²

Um representante da Liga do Norte, um partido da extrema-direita italiano declarou durante um protesto de rua contra a burca, que o “Islão é um vírus perigoso, e nós temos de o conter porque a Padania tem de permanecer cristã”.⁹³ Outros partidos como o Partido Nacionalista Britânico na Inglaterra e o Partido da Liga do Norte na Itália têm considerado os próprios partidos como “a vanguarda da resistência à islamização”, colocando o Islã como “o problema mais premente da primeira metade do nosso século”. Oposições em relação à construção de novas mesquitas são explicitamente declaradas.

A justificativa desses partidos é a tentativa de manter a integridade da cultura europeia cristã. Mas, Hall nos esclarece que “a Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. *As nações modernas são, todas, híbridas culturais*”.⁹⁴ E assim, a tentativa de reconstruir uma identidade unificada é vista como racismo cultural aos olhos de Hall, “e é evidente, atualmente, [o racismo cultural] em partidos políticos legais, tanto de direita quanto de esquerda, e em movimentos políticos mais extremistas em toda a Europa Ocidental”.⁹⁵

Há quem diga que a identidade europeia está em jogo. A imagem da identidade muçulmana esteve em jogo desde que ocorreram as interações entre os ocidentais e os muçulmanos e pioraram quando o Ocidente passou a intensificar a temática da religião e terror. Esse argumento de que medidas anti-islâmicas são necessárias para proteger as identidades locais é mais um argumento que os partidos tentam usar para criar um sentimento de identidade coletiva, contra uma religião vista como “ameaçadora” fruto da imagem tão desgastada e preconceituosa dos muçulmanos, que são minorias nesses países. Pois, “o fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados

⁹¹Ibidem, p.664.

⁹²GUIMARÃES, Maria João. *A nova extrema-direita europeia. Portugal num mundo em mudanças – tendências político-sociais*. Portugal. 2012. p.95.

⁹³ Ibidem, AGI *apud* ZUQUETE p.665.

⁹⁴HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p.62.

⁹⁵ Ibidem, p.85.

pela presença de outras culturas”.⁹⁶ Os muçulmanos não são os grupos dominantes nos países europeus. Isso aconteceu dentro das nações muçulmanas, identidades locais fortalecidas devido o domínio do ocidente, e não o contrário. O Islã não significa uma ameaça à Europa. O terrorismo significa uma ameaça à vida onde quer que ele atue. Essa direta relação de Islã-terror também é enfatizada publicamente na Europa e acaba criando comportamentos discriminatórios.

A ameaça à “integridade cristã” na Europa é um fruto da própria secularização e do aumento dos fluxos migratórios”.⁹⁷ A discussão de uma “Europa ameaçada” se tornou tão forte que se teme uma nova geopolítica para o continente, denominado “Eurásia”. Um representante do Partido italiano Liga do Norte considera que o Islã tem “um propósito imperialista”. E Zúquete analisa:

Quando a ameaça islâmica — tanto em termos de colonização como de terrorismo — é discutida na literatura do partido, é tipicamente apresentada como um perigo, não apenas para a comunidade, como para os povos europeus e ocidentais. O partido arroga-se o papel de protector supremo do Ocidente contra o Islão. Afinal, “fomos os primeiros a lançar o alarme sobre o perigo que o Islão representa, e a sua hostilidade inerente contra o Ocidente”.⁹⁸

Relativamente ao perigo da “islamização”, Stelzl, um representante do Partido da Liberdade austríaco, falava da existência de “uma ameaça real relativamente à integridade cultural das nações e povos europeus, das suas tradições e culturas [...] [e] quando a islamização põe em perigo as nossas leis, normas, hábitos e tradições, tem de ser revertida”, acrescentando que “os países islâmicos têm de conceder direitos aos cristãos nos seus países, idênticos aos que a Europa confere aos muçulmanos que integram a nossa sociedade”.⁹⁹ Podemos assim, constatar que a islamofobia está presente no âmbito político europeu. Portanto, entendemos islamofobia, segundo Santos, “como uma discriminação negativa em relação a toda cultura e religião islâmica”.¹⁰⁰ E essa discriminação pode se dar de maneira verbalizada ou não.

Outra análise que fazemos é a oposição à tentativa da Turquia entrar na União Europeia, ainda que possua uma população majoritariamente muçulmana, a Turquia é considerada o país mais ocidental dos países muçulmanos. Essa discriminação ao Islã é

⁹⁶ Ibidem, p.85.

⁹⁷ ZÚQUETE, José Pedro. *Novos tempos, novos ventos? A extrema-direita europeia e o Islão*. Análise Social, nº 201, 2011, p.661.

⁹⁸ Ibidem, p.662.

⁹⁹ Ibidem p.662-663.

¹⁰⁰ SANTOS, Natalia dos. *A influência norte-americana na islamofobia: análise das notícias da rede de TV Fox News*. ESPM-Sul São Paulo. 2015. Disponível em:<http://www2.espm.br/sites/default/files/pagina/artigo_natalia_sul.pdf> Acesso em 22 Out. 2016.

vista nessa tentativa de adesão da Turquia ao Bloco pela extrema-direita europeia. “Muitos dos materiais de propaganda contra a entrada da Turquia, produzidos por vários partidos, representam a mesma como um crescente ameaçador pairando sobre o mapa da Europa, e muitos dos materiais vêm acompanhado do título “Turquia Não!”¹⁰¹. Mas a tentativa é incansável, embora uma grande parte dos turcos não gostem da ideia, onde se pode ver cartazes nas ruas “Turkey is joining EU, vote leave!”¹⁰²

Mais uma tática da extrema-direita europeia é tratar temas extremos, em que os partidos europeus dificilmente vão discordar, como por exemplo a situação das mulheres e a cultura como um todo nas comunidades muçulmanas. Como explica Zúquete:

A extrema-direita tem estado activamente visível na sua rejeição de várias práticas culturais associadas ao Islão — desde a utilização do véu islâmico, aos casamentos forçados, passando pelos crimes de honra e à mutilação genital feminina, recorrendo a argumentos semelhantes aos esgrimidos pelos grupos pertencentes ao *mainstream*, que denunciam desigualdades e discriminação contra as mulheres.¹⁰³

Um dos temas mais discutidos é a questão da burca. A posição do partido italiano é de que “os véus islâmicos e as burcas discriminam as mulheres”, pois as afastam da sociedade e não deixam que elas alcancem liberdade e igualdade. Dizer que os véus afastam as mulheres da sociedade é uma maneira de mudar o foco para não dizer que o preconceito as afastam. “A condição das mulheres no Islã significa atraso e é “incompatível” com os costumes e atitudes morais de uma civilização ocidental superior que se bate pela igualdade dos gêneros”¹⁰⁴. Civilização ocidental superior. Ainda o Partido da Liga do Norte afirmou que “no nosso país existem mulheres e crianças que são ‘escravizadas’ ou sujeitas a restrições pessoais ou forçadas [a aceitarem] a poligamia em nome de uma crença religiosa que não reconhece o princípio da igualdade entre homens e mulheres”.¹⁰⁵

O conhecido debate do uso do véu islâmico nas escolas públicas francesas é uma expressão clara das questões que fazem parte da separação Igreja e Estado com as questões de igualdade de gênero. Movimentos feministas franceses denunciaram o véu “como símbolo da ‘opressão de um sexo’, incompatível com a tradição ocidental de

¹⁰¹ ZÚQUETE, José Pedro. *Novos tempos, novos ventos? A extrema-direita europeia e o Islão*. Análise Social, nº 201, 2011, p.663.

¹⁰² “A Turquia está se unindo a União Europeia, vote deixá-la!”.

¹⁰³ ZÚQUETE, José Pedro. *Novos tempos, novos ventos? A extrema-direita europeia e o Islão*. Análise Social, nº 201, 2011, p.666.

¹⁰⁴ Ibidem.

¹⁰⁵ Ibidem, LUSANA *apud* ZÚQUETE, p.666.

emancipação da mulher”.¹⁰⁶ Na Áustria ocorreu o mesmo, o objetivo de manter uma “neutralidade religiosa e cultural” nas escolas públicas foi amplamente defendida pelo Partido da Liberdade na Áustria. O Partido do Povo Dinamarquês pretendia proibir acessórios usados na cabeça “culturalmente específicos” a não ser que eles pudessem ser usados em manifestações culturais judaico-cristã.¹⁰⁷

Todavia, o Partido italiano da Liga do Norte, abraça a identidade europeia como totalmente cristã, argumentando que é contrário a qualquer proibição de símbolos cristãos nas escolas, alegando que a Constituição do país deve reforçar a identidade cristã como uma maneira de impedir a “ocupação” muçulmana nas instituições públicas.¹⁰⁸

Mas as questões relacionadas ao mundo islâmico na Europa não param por aí. Outro exemplo de medidas políticas discriminatórias europeias é a oposição do ritual de abate de animais especialmente por conta da produção de carne *halal*, a única permitida pela lei islâmica. Movimentos têm defendido os direitos dos animais com uma postura contra a comida *halal*, pois em sua produção é usado um método desumano e bárbaro.¹⁰⁹ Na Inglaterra, era servida em muitas escolas devido a um significativo número de alunos muçulmanos; contudo, vem sendo colocado pelo Partido Nacional Britânico juntamente com ativistas defensores dos direitos dos animais que o método “causa grande sofrimento aos animais” e que “os pais têm o direito de saber se os seus filhos estão, sem o saberem, a ser alimentados com carne proveniente de animais abatidos em rituais”.

O Partido do Povo Dinamarquês também simpatizante da ideia, lançou uma campanha para banir o método de abate *halal* já que “qualquer consideração sobre as minorias religiosas não se deve sobrepor às considerações acerca dos animais.”¹¹⁰ Esta última declaração é uma expressão clara de xenofobia. A extrema-direita europeia está empenhada em se colocar contra o Islã de maneira que enfatiza tanto a questão em âmbito público que a própria sociedade se torna xenófoba.

¹⁰⁶ Ibidem, FEKETE *apud* ZÚQUETE, p.667.

¹⁰⁷ International Helsinki Federation for Human Rights. Intolerance and discrimination against Muslims in the EU — Developments since September 11. 2005. p.56. Disponível em:< <http://www.art1.nl/npr/factsheets/Intolerance%20against%20muslims%20in%20the%20EU%2003-2005.pdf>> Acesso em 23 Out. 2016.

¹⁰⁸ ZÚQUETE, José Pedro. *Novos tempos, novos ventos? A extrema-direita europeia e o Islão*. Análise Social Vol. XLVI, Nº 201. 2011. p.667.

¹⁰⁹ Ibidem.

¹¹⁰ International Helsinki Federation for Human Rights. Intolerance and discrimination against Muslims in the EU — Developments since September 11. 2005. Disponível em:< <http://www.art1.nl/npr/factsheets/Intolerance%20against%20muslims%20in%20the%20EU%2003-2005.pdf>> Acesso em 23 Out. 2016.

3.2 Efeito 2 – Terrorismo exacerbado ao redor do mundo

Atentados terroristas ocorrem ao mesmo tempo em diferentes partes do mundo ou em um intervalo curto de tempo. A facilidade em transitar de um país europeu para o outro contribuiu para que tais ataques aconteçam. Ainda que haja um controle de segurança, essa facilidade se dá por conta dos acordos da União Europeia, incluindo o acordo de Schengen. A maioria dos países europeus fazem parte do Acordo de Schengen¹¹¹ e conseqüentemente, tanto os cidadãos da União Europeia como os nacionais de países terceiros podem transitar livremente dentro do Espaço Schengen, só sendo objeto de controle quando atravessem as suas fronteiras externas”.¹¹² A possibilidade de livre circulação entre as fronteiras dos países facilitou o trabalho dos grupos terroristas. Ainda que seja preciso um passaporte europeu ou vistos após certo período de tempo, não foi obstáculo para que extremistas conseguissem entrar na Europa e realizar ataques.

Os Estados Unidos nem a Europa pensaram nas conseqüências de financiar conflitos, a guerra civil na Síria e nos países da África ocidental são um exemplo. Todos esses países vítimas do fundamentalismo islâmico radical. A maior crise de imigrantes desde a Segunda Guerra Mundial. A crise imigratória à qual a Europa “não pode mais suportar” e à qual os Estados Unidos não se mobilizam em favor dos refugiados. O crescente aumento dos atentados terroristas tem causado temor e aversão aos muçulmanos, de modo que não há uma maneira deles mesmos se representarem quando a identidade deles está ligada ao Islã e o Islã está ligado ao terrorismo para os ocidentais.

A conseqüência é a série de atentados destruindo lugares e pessoas, e a segurança se torna algo muito relativo agora. Nos traz a dúvida de que pode ser um movimento irreversível. Um movimento irreversível fruto daquilo que o Ocidente criou. Como argumenta Ali:

Chalmers Johnson, que tinha tentado alertar seus cidadãos dos perigos que estavam adiante. Ele fizera isso um ano antes de os aviões sequestrados acertarem o Pentágono: “Contra-explosão” é uma forma resumida de dizer que uma nação colhe o que planta, mesmo que não saiba nem entenda totalmente

¹¹¹ O Espaço Schengen garante a liberdade de circulação num território que engloba 26 países, com mais de 400 milhões de cidadãos. Atualmente, o Espaço Schengen abrange 26 países europeus (22 dos quais são Estados-Membros da União Europeia): Bélgica, República Checa, Dinamarca, Alemanha, Estónia, Grécia, Espanha, França, Itália, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Hungria, Malta, Países Baixos, Áustria, Polónia, Portugal, Eslovénia, Eslováquia, Finlândia e Suécia, assim como a Islândia, o Listenstaine, a Noruega e a Suíça. Fazer parte do espaço sem controlos nas fronteiras internas significa que estes países não efetuam controlos nas suas fronteiras internas, ou seja, nas fronteiras entre dois Estados Schengen. Comissão Europeia. Europa Sem Fronteiras: O Espaço Schengen. União Europeia. Disponível em: <http://ec.europa.eu/dgs/home-affairs/e-library/docs/schengen_brochure/schengen_brochure_dr3111126_pt.pdf> Acesso em 02 Nov 2016.

¹¹² Ibidem.

o que plantou. Dada sua riqueza e seu poder, os Estados Unidos serão o principal receptor no futuro próximo de todas as formas mais previsíveis de contra-exploração, particularmente ataques terroristas contra americanos dentro e fora das forças armadas em qualquer ponto da terra, inclusive dentro dos Estados Unidos.¹¹³

A “contra-exploração” é a consequência dessa identidade fundamentalista que o Ocidente construiu e transferiu para todo o mundo árabe. E qual o resultado disso? “A demonização mútua do inimigo. Os ocidentais tendem a ver no muçulmano o fanático religioso e o terrorista. Os muçulmanos tendem a ver nos ocidentais os ateus práticos, os materialistas crassos e os secularistas ímpios”.¹¹⁴

3.3 Efeito 3 – Terrorismo como mecanismo de controle dos Estados Unidos

Ao tratar questões de segurança internacional, os Estados Unidos sempre justificam suas ações como “para fins de alcançar a paz”. Paz, guerra e terrorismo são conceitos que variam de interpretações e valores. O terrorismo como vimos antes, faz parte da prioridade da política externa americana e de mecanismo de controle dos EUA. É muito oportuno para os Estados Unidos construírem uma identidade na qual eles podem manipular e continuar com a lógica da “guerra moderna”. O mundo hoje não está mais dividido em impérios, embora os Estados Unidos atuem com uma lógica imperialista hoje. E o terrorismo é usado como instrumento político para justificar as guerras que são financiadas pelas indústrias armamentistas americanas. Como argumenta Pellegrini e Pedreira “os atentados foram comemorados pelos industriais bélicos e outras grandes corporações que encontraram em Osama Bin Laden e no seu grupo extremista, a justificativa necessária para ampliação do raio de controle político-econômico e militar – dinamizando [...] o imperialismo sob disfarce globalizacionista”.¹¹⁵

Não é questionável que os Estados Unidos reforçam a preocupação sobre o terrorismo a nível mundial e logo exportam armas para a maioria dos países no Oriente Médio? Essa temática vem sendo retratada por um longo tempo, especialmente no momento em que o Presidente Bush falou a uma sessão conjunta do Congresso “A nossa guerra ao terrorismo começa com a Al Qaeda mas não termina aqui. Não terminará

¹¹³ ALI, Tariq. *Confronto de Fundamentalismos*. São Paulo: Records, 2008, p.404.

¹¹⁴ BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo. A globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, p.31,32.

¹¹⁵ PELLEGRINI, Ramon Trindade, PEDREIRA, Paulo Tarso Mascarenhas. *Imperial-Terrorismo Estadunidense: A Violência como fator de controle*. Rio de Janeiro, 2012, p.14.

enquanto não serem encontrados, impedidos e derrotados todos os grupos terroristas de alcance mundial”.¹¹⁶ Se não terminará até todos os grupos terroristas forem derrotados, estamos diante de uma guerra eterna, visto que as contra-explosões continuam presentes nas sociedades hoje. Guerra essa que coloca os muçulmanos apenas sob a proteção de Alá.

3.4 Efeito 4 – Políticas anti-islâmicas em países de minoria muçulmana

Entre todas as problemáticas em relação ao povo muçulmano, mais uma será aqui discutida: o muçulmano estrangeiro. O simples fato de ser estrangeiro é motivo para discriminação não só na Europa, mas em qualquer lugar onde exista intolerância. A questão dos muçulmanos engloba a etnia árabe e a fé islâmica, e são discriminados por conta da sua cultura, etnia e religião. A religião em si, é alvo de rejeição dos partidos públicos europeus, e que influenciam em suas posturas e decisões políticas a favor ou contra as minorias. Nesse caso contra:

É inegável que todos estes factores – a cor da pele, a condição de estrangeiro, a pobreza, a falta de qualificações, etc. – contribuem para a marginalização dos muçulmanos na Europa. No entanto, é por causa da sua fé que os muçulmanos são considerados uma ameaça para a segurança e uma afronta aos valores fundamentais europeus, como a democracia e os direitos humanos [...] São os seus lugares de culto que ofendem o equilíbrio arquitectónico das cidades europeias e é o vestuário das suas mulheres que preocupa, intimida e irrita toda a gente. É o Islão, enquanto sistema de valores e de práticas religiosas, que é visado pelos debates públicos mantidos um pouco por toda a Europa.¹¹⁷

A distinção cultural existente desde os primeiros contatos com o Ocidente ainda permeia as sociedades hoje. A incompatibilidade da cultura muçulmana com a europeia cresce e juntamente com ela, a intolerância. Como argumenta Jerônimo:

Calcula-se que existam cerca de 11 mil mesquitas em toda a Europa [...] a grande maioria é de criação recente, tendo sido erguidas à medida que os imigrantes muçulmanos, chegados a partir do fim da segunda guerra mundial, começaram a instalar-se a título permanente nas respectivas sociedades de acolhimento. São estas as mesquitas que incomodam os europeus, sobretudo se forem monumentais e bem situadas [...] As populações [locais] veem na construção de novas mesquitas uma forma simbólica de conquista. Nem todos os governos locais cedem a este tipo de pressão e vários têm vindo a autorizar e até a financiar a construção de mesquitas, mas há também inúmeros casos de

¹¹⁶ EUA, Departamento de Estado dos. *Um esboço da História Americana*. 2012, p.367.

¹¹⁷ JERÔNIMO, Patrícia. *Intolerância religiosa e minorias islâmicas na Europa*. A censura do “Islão visível” – os minaretes e o véu – e a jurisprudência conivente do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem. 2016, p.6.

municípios que optam por rejeitar [...] os pedidos de licenciamento apresentados pelas comunidades muçulmanas.¹¹⁸

Em muitas cidades, as minorias muçulmanas não têm espaço para professar sua fé, ora, não seria o princípio básico da modernidade, o da tolerância religiosa? “Os protestos contra a presença de mesquitas nas cidades europeias são frequentemente dominados pela oposição aos minaretes¹¹⁹, que se tornaram sinónimos da identidade islâmica”.¹²⁰ Também na Suíça, tais torres foram interpretadas como uma imposição político-religiosa, explicando a autora que as manifestações populares contra a construção dos minaretes foram baseadas no pensamento de que representam “símbolos da vontade de impor um poder político-religioso”.

A percepção que se tem é de fato, um Islã que não é uma religião, mas uma ideologia com tentativa de dominar a Europa, como foram dominados. Contudo,

Os muçulmanos não parecem fazer muita questão de incluir minaretes nas suas mesquitas e aceitam, de um modo geral, as restrições impostas pelos municípios. São poucos os minaretes que se erguem nos céus da Europa – quatro em toda a Suíça, por exemplo – e ainda menos aqueles que são usados para a chamada à oração. Frequentemente, os minaretes são incorporados na paisagem de modo a diminuir o seu impacto e mal se distinguem das torres das igrejas ou das chaminés dos edifícios vizinhos. As implicações práticas de uma proibição geral de construção de minaretes são, por isso, mínimas.¹²¹

Tais reações são chocantes, o simples fato de se propor uma proibição à uma estrutura que diz respeito à cultura do Outro é uma forma de discriminação. Essas e outras expressam o repúdio à religião e aos muçulmanos, levando-nos a desacreditar dos princípios modernos que defendem o respeito ao Outro, e até mesmo a efetividade dos Direitos Humanos que são tão contemplados nas sociedades modernas, como igualdade, liberdade de expressão e tantos outros. Isso mostra a extrema dificuldade com que os Estados e suas populações têm de lidar com mudanças sociais, quando estas afetam as relações sociais em âmbito global. Mostra a dificuldade de se tratar o discutido multiculturalismo europeu, que pode ser entendido como a tolerância e o respeito pela diversidade e a diferença de identidades culturais, conseqüentemente de identidades nacionais.¹²² Mostra a dificuldade (colocando de um modo simples) de lidar com o outro

¹¹⁸ Ibidem.

¹¹⁹ Torres altas que são usadas para a chamada à oração.

¹²⁰ Ibidem, p.7.

¹²¹ Ibidem.

¹²² TERRA, Débora Bottaro Costa. *Velho Continente, Nova Identidade: As possibilidades de construção de uma Identidade da União Européia*. Belo Horizonte, 2008.

apenas por que o Outro é diferente.

Essa ideia está presente na maioria dos conflitos atuais, não importa se em âmbito internacional ou local, a questão da Palestina e Israel, o nacional com o estrangeiro, o ocidental com o oriental, o católico com o protestante, o negro com o branco. As pessoas são diferentes, e boas relações só acontecem na base do respeito à diferença, no reconhecimento da diferença sem que isso afete comportamentos. O respeito pela diferença é a questão chave. Numa sociedade que tem em sua história e tem esse sentimento de superioridade e que tal sentimento é passado por gerações, a dificuldade de se conviver com a diferença é ainda maior. Tragicamente, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, as palavras e os comportamentos de seus nacionais nunca passaram a mesma mensagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primeiros contatos do Ocidente com o Oriente, houve uma hierarquia diante das relações que começavam a se estabelecer. O Ocidente percebeu os povos do outro continente como atrasados e como o mundo estava passando por um contexto de mudanças no fim da Guerra Fria, o Ocidente queria influenciar quantas nações fossem possíveis. Como o Ocidente sempre se comportou de maneira que demonstrasse seu poder e querendo reafirmar sua hegemonia, não foi diferente nos países do Oriente Médio.

Quando os países ocidentais começaram a exercer influência nos países árabes, com princípios modernos políticos, sociais e econômicos, o choque entre as culturas foi tão intenso que houve reações dramáticas. As novas tecnologias, a modernização econômica e os novos modelos de vida em sociedade eram consideradas estranhas à cultura oriental. Contudo, o que mais pesou nessa tentativa de “civilizar” o mundo árabe foi a ideia de separação entre Estado e religião. Isso não existia dentro das sociedades islâmicas. A ideia de que o Islã, uma religião onde as leis eram estabelecidas por Deus, não iria mais ser uma referência para a vida em sociedade gerou insatisfação por parte da maioria da população e que posteriormente se traduziu no fortalecimento do fundamentalismo islâmico.

O trabalho pretendeu explicar como surgiu o fundamentalismo islâmico radical enfatizando os casos do Egito e no Irã, pois eles foram movimentos inspiradores para outros grupos radicais que iriam surgir depois. A exploração das potências foi vista em tentar modernizar esses países levou as populações a desejarem o Islamismo como guia para viver bem em sociedade novamente. Alta inflação, desemprego, a lógica capitalista da riqueza na mão de poucos, as populações muçulmanas não apoiaram essas ideias tão diferentes da lógica antiga. Os movimentos fundamentalistas surgem para exigir de seus próprios governos a volta à tradição, a volta ao Islã. Posteriormente, essa ideia do Ocidente como inimigo vai surgir dos grupos mais radicais, com ações violentas contra aqueles que são considerados infiéis. E quando o Ocidente não consegue implementar seus ideais democráticos no Oriente, se apropria da identidade fundamentalista islâmica transferindo ela para todo o mundo muçulmano trazendo consequências até hoje.

Buscamos explicar também, como é construída a identidade fundamentalista islâmica nos dias atuais, explicando que a maior parte dela é construída sob o pensamento da religião ligada ao terrorismo, que é um instrumento usado pela maioria dos grupos

radicais hoje para espalhar medo e expressar ódio ao Ocidente. Estudamos também que a mídia internacional tem um papel crucial na forma como coloca as notícias relacionadas ao terrorismo e ao mundo muçulmano, resultando em generalizações e padrões estereotipados da religião e dos muçulmanos.

Buscamos analisar as ações pelas quais o Ocidente tem domínio sobre o mundo muçulmano hoje, construindo a identidade fundamentalista no mundo contemporâneo, diante da rejeição ao Islã que ficou mais acirrada diante dos acontecimentos do 11 de Setembro, explicando com a teoria da *Agenda Setting* que os países passaram a utilizar os meios midiáticos para influenciar a sociedade a formar opiniões sobre o mundo muçulmano. E isso ocorreu nos Estados Unidos depois do atentado.

Procuramos compreender também, as reações da construção dessa identidade fundamentalista islâmica generalizada pelo Ocidente, enfatizando como a maneira que alguns partidos europeus de direita se empenham politicamente em rejeitar o Islã em suas sociedades justificando que a religião islâmica representa uma ameaça à integridade cultural europeia. Foram apresentadas também, as ações práticas que demonstram xenofobia, o aumento da islamofobia e dos ataques terroristas ao redor do mundo.

Esperamos que o presente trabalho tenha contribuído para uma análise crítica de como os Estados Unidos e como os países europeus tratam a questão do Outro. Seja em tempos passados ou em tempos modernos, sempre se colocaram como dominadores e professores de uma matéria que não foi escolhida: a identidade externamente construída, que deturpa a imagem da cultura muçulmana, da religião e despreza sua originalidade. Comportamentos discriminatórios para com as minorias muçulmanas e o temor de uma interação com um muçulmano não se justifica em o Islã ser “uma ameaça à integridade nacional” ou “ter uma possível ligação com terrorismo”. Mas, é resultado de uma sociedade moderna que não sabe lidar com as diferenças e escolhe a intolerância.

Tentar entender o outro em sua diferença não é uma tarefa fácil. As populações dos Estados acabam reproduzindo aquilo que recebem como informação. Enquanto a Europa se empenha na construção de medidas de segurança que envolvem o Islã, e constroem muros, a tolerância religiosa, característica da sociedade moderna fica em falta. A burca proibida na França mostra essa intolerância, as explosões dos atentados terroristas são vistas como resposta à “liberdade de expressão” francesa após os cartunistas se expressarem na revista *Charlie Hedbo. Liberté, Egalité, Fraternité?* Apenas entre os franceses. Já nos Estados Unidos, ser cidadão de um país onde o mesmo se vê como “polícia do mundo” e que prioriza a segurança internacional como elemento

de política externa, faz com que as ideologias preconceituosas sejam aceitas e que a sensibilidade para olhar o Outro em sua diferença adormeça. Esperamos que tenhamos contribuído para a reflexão da enorme distância entre o discurso e as reais ações dos países ao tratar o Outro. O que esperar de uma nação que termina cada discurso com a frase mais egoísta? Egoísmo que faz parte de sua identidade, um país que foi construído com a ideia de que possui o “destino” de manifestar os valores democráticos e necessários para alcançar a paz termina seus discursos não com a frase “Deus traga paz ao mundo”, ou “Deus abençoe todas as nações”, mas “Deus abençoe [apenas] a América”.

O fundamentalismo traz choque e medo, generalizar o terror para a religião islâmica afeta não apenas o povo muçulmano, mas também as relações sociais e internacionais que dizem respeito ao Islã. Não se sabe se é um fenômeno irreversível, embora existam formas de se alcançar a paz promovidas pelas organizações, se colocar no lugar do outro ainda é a base para todas as relações, sejam elas pessoais ou internacionais.

REFERÊNCIAS

_____. *A Perspectiva Construtivista das Relações Internacionais*. Puc-Rio
Disponível em: < http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5513/5513_3.PDF> Acesso em 12
Nov 2016.

_____. International Helsinki Federation for Human Rights. *Intolerance and
discrimination against Muslims in the EU — Developments since September 11, 2005*.
Disponível em:<
<http://www.art1.nl/nprd/factsheets/Intolerance%20against%20muslims%20in%20the%20EU%2003-2005.pdf>> Acesso em 23 Out 2016.

_____. Comissão Europeia. *Europa Sem Fronteiras: O Espaço Schengen*. União
Europeia. Disponível em: < http://ec.europa.eu/dgs/home-affairs/e-library/docs/schengen_brochure/schengen_brochure_dr3111126_pt.pdf> Acesso em 02
Nov 2016.

ALI, Tariq. *Confronto de Fundamentalismos*. São Paulo: Records. 2002.

AMADO, Marcos. *Sinalizações ao longo do caminho. Entendendo as bases do islamismo
radical moderno*. Matureo, 2015. Disponível em: < <http://www.martureo.com.br/wp-content/uploads/2015/08/Entendo-as-bases-do-Isl%C3%A3-.pdf>> Acesso em 16 Out
2016.

ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus – O fundamentalismo no Judaísmo, Islamismo
e Cristianismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

ARRAIS, César Henrique. *A Mídia nas Relações Internacionais. Aproximações
Epistemológicas*. Brasília. 2014.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo. A globalização e o futuro da humanidade*. Editora
Sextante. Rio de Janeiro: Sextante. 2002.

BROTAS, Antônio. *Guerra e Terrorismo: os diferentes discursos e enquadramentos da
mídia*. Intercom. Rio de Janeiro. 2005. p.3 Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0062-2.pdf>> Acesso em
22 Out. 2016.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 6ª ed, vol2, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Isabelle Christine Somma de. *Do islã à política: A expansão da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos no Egito (1936-1949)*. São Paulo. 2014.

COLOMBO, Letícia dos Santos. *Grupos não estatais geradores de conflitos: Síria, Iraque, Somália, Nigéria, Líbia e Mali*. Série conflitos Internacionais. V3, n3. São Paulo. 2006.

COLOMBO, Letícia dos Santos. *Terrorismo: Lacunas conceituais no Sistema Internacional*. Revista LEVS/UNESP-Marília - Edição 16. 2015.

DA SILVA, Douglas Andrade. *Totalitarismo, Alteridade e Relações Internacionais: Contribuições para a análise da política internacional*. Brasília. 2010.

EL HANINI, Zuhra Mohd. *Noções de Direito Islâmico (Shariah)*. Brazil, 2007.

ÉVORA, Silvino Lopes. *O discurso mediático sobre o terrorismo*. Santa Catarina, 2006. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/evora-silvino-discurso-mediatico-terrorismo.pdf>> Acesso em 06 Out 2016.

FERREIRA, Emerson Benedito. *Eleitos por Deus: O Destino Manifesto e o Imaginário Popular estadunidense do século XIX*. 2015.

FRIZZERA, Guilherme; SOUZA JÚNIOR, José Maria de. *Tipificando o Terrorismo no Congresso Brasileiro: os projetos de lei e literatura acadêmica*. BJIR. Marília. Vol. 4, n. 1, 2015.

GUIMARÃES, Maria João. *A nova extrema-direita europeia. Portugal num mundo em mudanças – Tendências político-sociais*. Portugal. 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. Trad. José Viegas Filho. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

JERÔNIMO, Patrícia. *Intolerância religiosa e minorias islâmicas na Europa*. A censura do “Islão visível” – os minaretes e o véu – e a jurisprudência conivente do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem. Portugal. 2013. Disponível em:

<<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/22352/1/JER%C3%93NIMO,%20P.,%20Intoler%C3%A2ncia%20religiosa%20e%20minorias%20isl%C3%A2micas%20na%20Europa.pdf>> Acesso em 20 Out 2016.

MAMEDE, Anna Paula Ribeiro Araujo. *O Oriente Médio nas Relações Internacionais*. Revista Conjuntura Internacional PUC-Minas. 2010. Disponível em: <http://www.pucminas.com.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20100504163228.pdf> Acesso em 22 Out 2016.

MCCOMBS, MaxWell. *The Agenda-Setting Role of Mass Media in the Shapping of Public Opinion*. Disponível em: <http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/mccombs01.pdf> Acesso em: 19 Set 2016.

MOREIRA JR, Hermes. *O Terrorismo islâmico internacional: “Efeito colateral” da ordem hegemônica norte-americana*. 2010.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. *Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Riscos atuais do Fundamentalismo Religioso*. Disponível em: <<https://www.ucb.br/sites/000/14/Fundamentalismo.pdf>> Acesso em 22 Out 2016.

PELLEGRINI, Ramon Trindade, PEDREIRA, Paulo Tarso Mascarenhas. *Imperial-Terrorismo Estadunidense: A Violência como fator de controle*. Rio de Janeiro. 2012.

PEREIRA Miguel Baptista. *Modernidade, Fundamentalismo e Pós-Modernidade*. Revista Filosófica de Coimbra, 1992.

PEREIRA, Wesley, Robert. *Hezbollah*. Disponível em: <http://portal.pucminas.br//imagedb/conjuntura/CES_ARQ_DESCR20050705095357.pdf> Acesso em 19 Out 2016.

PINTO, Maria do Céu Ferreira. *O Fundamentalismo Islâmico*. Revista Nação e Defesa. 1996.

RAPOSO, Henrique. *O islamismo nas sociedades europeias*. Os mitos da comunidade muçulmana, do diálogo de civilizações e do islão moderado. Relações Internacionais, nº 22, Lisboa, 2009.

- RUTHVEN, Malise. *Islam: A Very Short Introduction*. Oxford University Press, 1997.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SANTOS, Natalia dos. *A influência da mídia norte americana na islamofobia: análise das notícias da rede de TV Fox News*. ESPM-Sul São Paulo. 2015. Disponível em: <http://www2.espm.br/sites/default/files/pagina/artigo_natalia_sul.pdf> Acesso em 22 Out 2016.
- SMOUTS, Marie-Claude (Org.). *As Novas Relações Internacionais: práticas e teorias*. Brasília: UnB, 2004.
- SILVA, Douglas Andrade Da. *Totalitarismo, Alteridade e Relações Internacionais*. Contribuições para a análise da política internacional. 2010.
- SILVA, Otacílio Gomes da. *Sobre Fundamentalismos Éticos*. Revista de Filosofia. 2014.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- TERRA, Débora Bottaro Costa. *Velho Continente, Nova Identidade: As possibilidades de construção de uma Identidade da União Européia*. 2008. Belo Horizonte.
- ZAHREDDINE, Danny. *A Segunda Guerra do Golfo e a unidade Árabe*. Análise Segurança. 2003.
- ZÚQUETE, José Pedro. *Novos tempos, novos ventos? A extrema-direita europeia e o Islão*. In *Análise Social*, nº 201, 2011.
- WAINBERG, Jacques. *O poder das palavras e das ideias: o caso do fundamentalismo islâmico*. Revista FAMECOS nº 34. Porto Alegre, 2007.